

VILA DE PARANAPIACABA

Diretrizes de economia criativa para o desenvolvimento territorial

Um desafio lançado pela Brasil Restauro e acolhido pela Garimpo de Soluções

Junho de 2021

*Meu coração dilata-se. Minh'alma
É toda inspiração, júbilo, enlevo,
Amor e entusiasmo! Que susurros,
Que bafejos suaves se levantam
Das matas verde-negras! Dir-se-ia
A frescura das azas auri-brancas
Dos gênios, que esvoaçam! Que prodígios,
Que maravilhas teu domínio abrange,
O' Paranapiacaba! Audaz muralha,
Erguida pelas mãos do Omnipotente
Contra as fúrias do mar!
[Fagundes Varella](#), 15/03/1880*

FICHA TÉCNICA

Brasil Restauro

Acompanhamento técnico: **Fabiula Domingues**

Garimpo de Soluções

Coordenação geral: **Ana Carla Fonseca**

Consultorias técnicas: **Alejandro Castañé e Ricardo Peruchi**

Entrevistadores: **Maria Cristiana Costa e Mateus Dourado de Camargo**

Patrocínio: MRS Logística, com recursos da Lei de Incentivo à Cultura

Nossos agradecimentos a todos os que dedicaram seu tempo, seus pensamentos e afetos às entrevistas realizadas.

ÍNDICE

Desafio	04
Por que Brasil Restauo e Garimpo de Soluções	06
Estruturação metodológica	09
Entrevistas qualitativas	11
Levantamento de campo	20
Eixos estratégicos recomendados	
Eixo 1 - Turismo de bem-estar, a dois passos de sua casa	34
Eixo 2 – Cultivo de plantas ornamentais da Mata Atlântica	41
Eixo 3 – Estação de soluções para a sustentabilidade	50
Anexos	58

1) DESAFIO

Não é andando que a pessoa faz a maior parte da viagem e sim de gatinhas, com os pés e mãos no chão, agarrando-se às raízes das árvores, em meio a rochas pontiagudas e terríveis precipícios. A profundidade do abismo é absolutamente assustadora e a profusão de montanhas que vão surgindo sucessivamente parece nos deixar sem nenhuma esperança de chegar ao final. Quando acreditamos ter alcançado o cume de uma delas, vemos que nos achamos apenas no sopé de uma outra de igual altura. É bem verdade, porém, que de vez em quando somos recompensados das fadigas da subida. Quando me sentava sobre o penhasco e olhava para baixo, parecia-me estar situado no alto do firmamento e que tinha o mundo a meus pés. Uma vista admirável a terra, o mar, as planícies, as matas, as cadeias de montanhas, tudo variava ao infinito, e era mais belo do que é possível imaginar.

Auguste de Saint-Hilaire
Viagem à Província de São Paulo

Especialista em restauro e requalificação como base de inovação, a Brasil Restauro defende que o patrimônio é também um ativo econômico potencial, único e singular.

Para lançar esse olhar sobre a Vila de Paranapiacaba e sugerir eixos de diversificação econômica baseados na economia criativa, ou seja, por inclusão produtiva, a partir da criatividade de seus cidadãos e de forma vinculada às singularidades da Vila de Paranapiacaba, a Brasil Restauro teve uma iniciativa singular: incorporou em suas atividades do projeto de restauro, patrocinado pela MRS Logística, com recursos da Lei de Incentivo à Cultura, a contratação da Garimpo de Soluções, empresa pioneira em economia criativa e desenvolvimento territorial.

O desafio que nos foi dado era tão encantador quanto complexo. Encantador, pelo que Paranapiacaba e suas pessoas representaram para a história do Estado de São Paulo e do Brasil – basta imaginar que o arrojo e a inovação tecnológica característicos da Vila à sua época lançaram caminhos para a transição do país escravocrata ao de trabalhadores de sotaques variados, do rural ao urbano, do agrícola ao manufactureiro. Patrimônio cultural tombado e vivo, envolto pela bruma e abençoado pela biodiversidade da Mata Atlântica, a Vila de Paranapiacaba é um universo em si mesmo. Complexo, pela própria história da Vila, de dinâmica social única, cuja resiliência ultrapassou a data de validade que fora atribuída à sua função econômica. Uma Vila cujo destino mudou de trilho por mais de uma vez e que, tendo contribuído para lançar as fundações do Brasil moderno, busca uma nova inserção no Brasil contemporâneo.

Este trabalho, talhado pelas palavras e sentimentos que nos foram confiados pela população da Vila de Paranapiacaba, almeja contribuir para alargar o olhar que contempla o mar e o passado para abraçar um futuro autônomo, desejável e viável.

2) POR QUE BRASIL RESTAURO E GARIMPO DE SOLUÇÕES

2.1) Brasil Restauro

Desde 2005 a Brasil Restauro, empresa multidisciplinar gerida pela arquiteta Fabiula Domingues, desenvolve trabalhos nos campos de arquitetura, cultura e restauro, em consonância com políticas públicas, sensibilidade privada e escuta comunitária, que permitam reinserir os imóveis tombados em um novo cotidiano, como espaços criativos e sustentáveis. Um posicionamento afim aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU, que entendem o patrimônio histórico arquitetônico como um vetor para a transformação social, que assume sentido quando utilizado pela sociedade.

Para isso, seus projetos se diferenciam por um conjunto de atributos. Primeiro, são respaldados por estudos aprofundados do território, para compreender o contexto histórico, as diferenças frente à atualidade, as necessidades locais e expectativas sociais, de modo que o projeto de restauro dialogue com os anseios do coletivo. Segundo, preconizam a otimização dos recursos naturais, por meio do reuso de águas, automação, reaproveitamento de materiais e energia renovável. Terceiro, são acompanhados por atividades concebidas sob medida para cada projeto, a exemplo de palestras, oficinas e material didático gratuitos, disponibilizados também no site da empresa, bem como por *walking tours*, trabalhos de educação patrimonial e capacitação profissional de agentes difusores dos saberes para salvaguarda do Patrimônio Histórico Nacional. Por fim, são pautados por ética, eficiência, inovação e responsabilidade. Resultam dessas premissas serviços de relevo em elaboração de projetos culturais e técnicos de conservação, manutenção, requalificação, retrofit e restauro de arquitetura, urbanismo e paisagismo, assim como de gerenciamento técnico e fiscalização da obra de restauração, incluindo consultoria em legislação, manutenção preventiva, viabilidade econômica, implantação de novos usos, leis de incentivo e economia criativa.

Em suma, a Brasil Restauro é uma empresa única e singular, como cada projeto e obra à qual se dedica.

Fabiula Domingues, arquiteta com vasta experiência em restauração do patrimônio histórico, integrou e gerenciou inúmeros projetos culturais como responsável técnica, destacando-se: Estação Ferroviária de Campo Grande, Paranapiacaba | SP – Pronac 182775 (concluído 2020); Guia do Patrimônio Histórico, São Paulo/SP – Lei Aldir Blanc, proposta nº152 (conclusão 2021); Igreja Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência/SP – Pronac 109003 (concluído 2014); Restauro da Estação Ferroviária Luís Carlos/SP – Proac 4053 (concluído 2012); Projetos Executivos para o Restauro das Fachadas Externas do Edifício Ermínio de Moraes – Lei 10.926/90, projeto nº085/10 (concluído 2012); Teatro Municipal de Amparo – Elaboração dos Projetos de Arquitetura e Complementares – Proac 13866 (concluído 2015); implementação do Teatro Municipal de Amparo - Elaboração do Projetos Executivos Estruturais, Preparação – Proac 19063 (concluído 2016); Mosteiro de São Bento/RJ – Pronac 124007 (concluído 2014). Complementarmente, cabe ressaltar a coordenação e a gestão de outro vasto leque de projetos culturais e obras de restauro, incluindo restauração do Monumento Heróis da Travessia do Atlântico/SP; Central Técnica de Produções do Teatro Municipal/RJ; Ponte Pênsil Alves de Lima/PR; Museu Major Novaes/SP; reconstrução e restauro da Igreja São Luis de Tolosa/SP; Pavilhão Alfredo Galvão – Parque Vicentina Aranha/SP; Academia Paulista de Letras/SP; Igreja Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia/SP; Capela São José do Belém – Vila Maria Zélia/SP e EMEF Coronel Tobias Aguiar/SP.

2.2) Garimpo de Soluções

Ativa desde 2005, Garimpo de Soluções é uma empresa pioneira de geração de conteúdo em economia criativa, cidades criativas e desenvolvimento territorial. Comprometida com transformações de contextos, defende a economia criativa como junção de três valores – agregado, compartilhado e percebido -, tendo atuado sob essa lógica junto a 32 países e 229 cidades, nas quais desenvolveu 775 palestras, 54 curadorias de seminários e encontros e 30 cursos, além de ter realizado 56 projetos de consultoria, projetos especiais de desenvolvimento urbano e editado livros pioneiros e de referência mundial para download gratuito, a exemplo de *Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento* (2008, trilingue), *Cidades Criativas - Perspectivas* (2009, bilingue), primeira sistematização mundial do conceito; e *Cidades Criativas, Soluções Inventivas – o papel da Copa, das Olimpíadas e dos museus internacionais* (2010).

Foi responsável pela coordenação editorial de várias memórias de encontros dos quais fez a curadoria, tais como *Cultura e Transformação Urbana* (SESC SP, 2011) e *Seminário Internacional de Clusters Criativos* (FecomércioSP, 2013), para download gratuito. Consultora para missões e relatórios internacionais para o BID, a ONU (UNCTAD, UNESCO e PNUD), incluindo contribuições para as edições do Creative Economy Report, Garimpo de Soluções desenvolveu e aplica, desde 2011, uma metodologia própria de mapeamento de singularidades criativas do território, por meio de oficinas envolvendo cidadãos e lideranças formais e informais, constituindo uma base para o desenvolvimento de posicionamento, bens, serviços e propostas com valor agregado. Já a adotaram São Paulo (Secretaria de Estado da Cultura, 2011), Paraná (Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria de Estado do Turismo e SESI PR, 2012), Bahia (SEBRAE BA, 2012/13), Tocantins (SEBRAE TO, 2013), Minas Gerais (SEBRAE MG, 2015), Ceará (SEBRAE CE, 2015), Distrito Federal (Secretaria de Estado da Cultura, 2017).

Garimpo de Soluções idealizou e realizou projetos de ponta, a exemplo de “Diálogos startupeiros” e “Meu futuro é agora” (2018), criados para o primeiro ano de ocupação da Arena de Economia Criativa do Farol Santander; “Hackeando Futuros”, para a Estação Hack (primeiro centro de inovação do Facebook no mundo); de missões empresariais para diferentes países, em economia criativa e marcas- território; do projeto Território Criativo DF, voltado ao empreendedorismo criativo em 16 regiões administrativas do Distrito Federal; e do primeiro plano regional de economia criativa do Brasil (“Dá gosto ser do Ribeira”), abrangendo 22 municípios do Vale do Ribeira; e o plano “Marca-território do Vale do Jequitinhonha”.

3) ESTRUTURAÇÃO METODOLÓGICA

Essa lentidão foi abalada na década de 60 do século XIX quando, com surpreendente rapidez, a ferrovia, saindo do porto de Santos, deslizou quase de supetão pela íngreme Serra do Mar acima e inundou o planalto com seu tempo próprio, sua velocidade, sua nova espacialidade, a nova mentalidade que disseminava, a da pressa, a do chegar logo, a do não ter tempo, a de estar no mesmo dia em dois lugares antes separados por dias de cavalgada. O moderno que se arrastava ocultamente se tornou visível, máquina a vapor, equipamento, alterações no espaço, outra linguagem, outro modo de ver e ver-se. Tornou-se de fato o que já era sem poder ser: o tempo regulado pelo custo e pelo lucro. O homem deixava de ser o condutor da tropa para ser conduzido como tropa.

José de Souza Martins
A Aparição do Demônio na Fábrica

O presente projeto foi desenhado em quatro fases: a) revisão bibliográfica, levantamento de dados secundários e visitas técnicas; b) entrevistas qualitativas; c) levantamento de campo; e d) análise e recomendações de três eixos estratégicos.

Afinal, sempre entendemos a metodologia de um projeto de economia criativa e desenvolvimento territorial como uma relação amorosa. A fase do flerte é a da revisão bibliográfica e de conteúdos fotográficos e audiovisuais. Devoramos livros com sofreguidão, nos embevecemos diante de cenas de documentários, nos projetamos no tempo e no espaço, buscando informações que nunca parecem ser suficientes sobre o que nos interessa. Complementamos essa busca ávida por informações não resistindo a passar na frente das casas, a acompanhar o andar, o vestir, o falar de quem é objeto de nossa atenção. Já situados e mais decididos, avançamos em um namoro de entrevistas qualitativas, por meio das quais cada pergunta possibilita conhecermos detalhes e lógicas que antes nos tinham escapado. Comparamos o que nos foi dito com o que vimos nas visitas, aguçamos nossos sentidos para ler o que não está escrito. Vemos como atores que integram o enredo se relacionam com o ser em quem pensamos dioturnamente, as considerações que têm sobre ele, as histórias que compartilham.

Desse contato com a família estendida engatamos no casamento do levantamento de campo, realizado junto a quem mais conta em uma cidade: os cidadãos. Uma fase que invariavelmente nos brinda com surpresas nos faz passar por experiências agradáveis e outras nem tanto, por portas que se abrem com um sorriso e olhos promissores e outras que parecem não nos ver, em um processo que é essencialmente de escuta, salpicada por eventuais provocações.

É então que a relação afetiva, transbordante de emoções efervescentes, se torna madura, serena, compreensiva. O que faria a pessoa de nossas atenções ser mais feliz, realizada e autônoma? Como ela poderia sobrepujar os obstáculos que declara ver nesse caminho e desbravar outros? Há modos de fortalecê-la, para tornar essa trilha menos pedregosa? Dicas? Contatos?

Os capítulos a seguir detalharão as fases dessa intriga amorosa com a Vila de Paranapiacaba e seus cidadãos, a partir do que este estudo traz de novo. Como muito já foi escrito e dito sobre Paranapiacaba, com mais envergadura e profundidade do que caberia a este trabalho abarcar, pouparemos o leitor de nossos pensamentos acerca da revisão bibliográfica e das visitas técnicas que, de todo modo, embasaram as etapas seguintes: impressões granjeadas nas entrevistas qualitativas; resultado do levantamento de campo; detalhamento dos três eixos estratégicos sugeridos.

4) ENTREVISTAS QUALITATIVAS

A linha férrea trouxe consigo os avanços tecnológicos do sistema funicular, o segundo cinema do Brasil, seu primeiro campo de futebol com dimensões oficiais. O município de Santo André e mesmo o Grande ABC devem sua consolidação, em boa parte, à Vila de Paranapiacaba.

Sílvia Helena Facciolla Passarelli

4.1) Contextualização

As reflexões aqui apresentadas foram catalisadas por um conjunto de 23 entrevistas com gestores públicos – do IPHAN e da Prefeitura Municipal de Santo André –, diretamente relacionados às políticas públicas de impacto em Paranapiacaba; com empreendedores e demais residentes na Vila; e com profissionais externos ao território mas cuja atuação contribui, de forma mais pronunciada e reconhecida, aos interesses do território e dos que o habitam. A lista final dos entrevistados foi tributária de recomendações da equipe da Brasil Restauro, de pesquisas da Garimpo de Soluções e, eventualmente, de indicações de outros entrevistados, conforme a técnica de bola de neve.

As entrevistas foram realizadas de maneira virtual, seguindo roteiro semiestruturado, concentradas nos meses de março e abril de 2021.

4.2) Achados, reflexões, inquietações

As entrevistas revelaram alguns consensos, vários dissensos e alguns embates entre os atores da governança da Vila.

Dentre as concordâncias, está a de que o patrimônio histórico sem pessoas e geração de economia local não se sustenta; que o modo de vida e **a relação dos residentes com o patrimônio circundante** é o que o torna vivo. Menos óbvia, porém, é a profundidade dessa relação. Até que ponto o morador da Vila ou os vários perfis de moradores valorizam o residir ou ser vizinhos de uma paisagem cultural tombada é algo que ainda resta por averiguar, na própria voz dessas pessoas, o que será explorado no levantamento de campo.

Complementarmente, é entendido que intervenções patrimoniais em edifícios desprovidos de funcionalidade incorrem em um moto contínuo de demandas financeiras, sejam os imóveis institucionais ou residenciais. Por diversas vezes nos foi dito que "casa ocupada é casa preservada" e que "o pior morador é melhor do que nenhum". De fato, a urgência em promover a ocupação dos imóveis vazios é sentida em todas as falas, embora os processos envolvidos não se revelem tão simples.

É, porém, justamente nesse sentido que os recursos do PAC – os maiores dos alocados pelo programa em terras paulistas – não são e não serão suficientes para impulsionar o desenvolvimento de Paranapiacaba, se não forem ombreados por um **plano de gestão**, o que leva a um dos obstáculos mais pronunciados para uma potencial reinvenção do território. É urgente que a Vila deite um olhar sobre si mesma, na busca de um motor próprio de dinâmica econômica e cidadania, tornando-se menos dependente de recursos públicos do que é hoje, em especial em vista do fim dos recursos do PAC e de uma iminente recessão pós-pandemia. Para

que essa estratégia seja sustentável, é fundamental que se pautem por um planejamento integrado de políticas – entre pastas municipais, certamente, mas também envolvendo outras esferas públicas e o setor privado, com a participação permanente dos cidadãos.

Nessa lógica, vários entrevistados que interagem com a Vila há longa data se referem com saudosismo à **estrutura administrativa** da Vila, logo após a aquisição do conjunto da parte baixa pela Prefeitura de Santo André, quando havia localmente uma Subprefeitura. Entende-se que essa declaração possa ser bifurcada pelo que traz de facilidades reais e pelo que enseja de autonomia simbólica. Na primeira linha encaixam-se questões como uma eventual rapidez da tramitação de processos e demandas, um atalho no cipoal da burocracia, uma visão mais integrada e transversal de diversas políticas, equipamentos e órgãos públicos, envolvendo esporte e lazer, participação popular, geração de emprego e renda etc. mas também uma percepção mais sensível do dia a dia dos moradores, dos pequenos entraves que enfrentam, da antecipação de potenciais problemas que os afligem. Em outras palavras, uma consideração mais holística da estratégia e também do cotidiano da Vila, na busca por conciliar ocupação dos edifícios, questões sociais, geração de renda e um sentimento de pertencimento.

Em diálogo com essa vertente mas revestida também de simbolismo, a ausência de uma estrutura administrativa local, física, acessível, vizinha, reforça a leitura de diversos entrevistados, de que Paranapiacaba segue sendo marginal a Santo André e por ela incompreendida, distante não apenas fisicamente mas na lista de prioridades da gestão de um município com o qual o "paranapiacabense" não necessariamente se identifica. É um tema não consensual, que traz em contraponto, por parte de alguns, uma oferta "privilegiada" de equipamentos e serviços públicos, como UPA, creche, escola fundamental, escola média, Guarda Municipal, Polícia Militar, bombeiro. Não são argumentos que se anulam, visto que um remete a meandros de cidadania ativa e outro à presença de serviços públicos.

Como pano de fundo desse atrito, parece haver uma convergência: a da **descontinuidade de políticas públicas**, entendida por todos como um óbice ao desenvolvimento da Vila, ainda que na análise do mérito do que foi ou não benéfico em cada fase, as posições variem conforme o interlocutor. É uma das várias manifestações colhidas da existência de uma brecha entre grupos de entrevistados, um e outro afirmando que a outra parte não é aberta ao debate, resiste a sugestões e tende a ser irredutível em suas vontades.

Uma governança sem pacto

Territorialmente, Paranapiacaba é cindida em quatro peças de encaixe imperfeito – parte baixa, parte alta, pátio ferroviário, rabique –, carecendo de uma gestão integrada. Os recursos do PAC, por exemplo, não são dirigidos à parte alta. Já no pátio, "a ABPF tem a cessão dos prédios que estão lá dentro, não tem dinheiro e para esses prédios não há recursos do PAC. A garagem é do DNIT mas vem sendo usada pela Prefeitura. Talvez falte ter um plano de gestão geral, como um Plano Diretor da Vila de Paranapiacaba, para a parte tombada, a cedida, a privada, a de reserva. Todos esperam alguém que faça um plano geral para tudo", como resumido em uma das entrevistas.

Em termos tão somente fundiários, a parte baixa é bem público, pertencente à Prefeitura de Santo André, ocupada mediante termo de permissão de uso; a parte alta é privada; o rabique é ocupação espontânea e irregular; o pátio ferroviário é fatiado entre quatro instituições: DNIT, MRS, ABPF e Prefeitura.

Em termos sociais, um compilado de leituras de entrevistados oferece uma categorização dos residentes. O primeiro bloco é dos descendentes dos ferroviários. Embora, em sua maioria, tenham se mudado com o fim da ferrovia, alguns permaneceram, parte deles vivendo de aposentadoria, tendo na Vila o testemunho de um universo passado que é fisicamente presente mas cujos valores não são decodificados ou compartilhados por todos. O segundo grupo é dos que antes da compra da Vila invadiram as casas desocupadas. Ao que nos foi dito, partilham com os primeiros uma sensação de vigilância – aqueles, passada, do engenheiro-chefe, que de sua casa no alto da Vila tudo seguia, a qualquer momento do dia, nas esferas pública e privada; estes, da Prefeitura. De modo geral, após a compra da Vila, passaram a ser considerados potenciais "empreendedores", algo distante da realidade da maioria.

Os empreendedores de fato se concentram na terceira categoria, a dos "licitados" – pessoas que criaram negócios vinculados ao que a Vila oferece, via de regra dependentes do turismo e, ainda que eventualmente residentes na Vila há anos, não são necessariamente considerados pelos outros grupos, especialmente pelo segundo, como dotados do mesmo "nível de pertencimento" ao território.

A falta de visão de comunidade, em uma Vila com menos de mil habitantes, parece reverberar na dificuldade de comporem uma governança conducente a um plano estratégico, comum. Complementarmente, a gestão fragmentada da Vila, por parte da Prefeitura, não favorece a aglutinação dos atores. É interessante notar que em artigo¹ voltado a aprendizados da experiência de Paranapiacaba para a gestão da paisagem cultural, Vanessa Figueiredo, arquiteta

¹ In Bello, Vanessa Gayego (2014). ["Gestão sustentável da paisagem cultural: legados e lições da experiência de Paranapiacaba"](#). Revista CPC, (18), 29-55.

e ex-Subprefeita da Vila, apresenta várias colocações que surgiram espontaneamente nas entrevistas realizadas para este trabalho, como benefícios de uma estrutura de gestão descentralizada, com autonomia administrativa e orçamentária; de um sistema permanente de planejamento e avaliação; da integração das políticas setoriais; de um sistema de participação qualificada (que, a julgar pelas falas, é uma das maiores fragilidades da Vila); de um tripé de planejamento, educação e fiscalização. Sem proferir julgamento acerca do cumprimento ou não desses tópicos, à época da Subprefeitura, a atual estrutura administrativa não se aproxima desse modelo.

Curiosamente, no mesmo texto a autora menciona embates vividos no período de 2001 a 2008, que ecoam em certa medida as dificuldades de gestão participativa observadas hoje: "As dificuldades passavam primeiro pela descrença dos moradores em relação às ações do poder público, durante muito tempo ausente, e pelo rompimento de privilégios estabelecidos ao longo dos anos com lideranças negativas que usufruíam benefícios com o estado de desordem física, social e institucional encontrado."

O **ruído de comunicação** e o **desgaste do relacionamento** chegam ao ponto de divergir não apenas quanto à interpretação dos fatos, mas quanto aos próprios. Assim, se alguns afirmam que a Prefeitura mantém os insatisfeitos calados, diante da ameaça permanente de tomar-lhes a casa, a Secretaria de Meio Ambiente afirma não ter havido nenhum caso de despejo nos últimos três anos e, pelo contrário, ser condescendente com relação às regras estabelecidas no termo de permissão de uso. A miríade de modelos de contrato, aliás, com condições as mais variadas, também dá margem para questionamentos sem fim, de ambas as partes. Outro exemplo de fatos em colisão cerca o fundo arrecadado na Vila. Para os que criticam a gestão pública, dividi-lo entre Paranapiacaba e o Parque Andreense é um desvio de finalidade, que seria exclusivamente patrimonial; já para a Prefeitura, o próprio nome do fundo valida a repartição com o Parque Andreense, não obstante o fato de este receber recursos desproporcionalmente menores aos dedicados a Paranapiacaba.

Nesse impasse, é inevitável a remissão aos primórdios da Paranapiacaba ferroviária, a meio passo entre a São Paulo caipira e de taipa e a metrópole de aço e concreto, o Brasil escravocrata e o Brasil assalariado, o tropeirismo e a economia agroexportadora, progenitora da industrial. Construída com o sistema de panóptico, a Vila teria na figura do engenheiro-chefe o regulador do trabalho e da vida. Como menciona José de Souza Martins, "O plano de construção e funcionamento da vila operária foi presidido pela ideia de que a disciplina do trabalho moderno

dependia da interiorização de temores, sobretudo o temor de ser visto fazendo o que não deveria ser feito."² (p.16)

Posicionamentos político-ideológicos à parte, permeia a Vila um receio de gentrificação que a transforme em um cenário, descaracterizado, eliminando a "caipirice", o olhar atrás da janela, a calma que legitimaria sua identidade. "O interesse é o de expulsar os atuais residentes, para poderem colocar ali pessoas de maior poder aquisitivo", interpreta um morador. Uma higienização, real ou imaginária, que vem ganhando repercussão com a virtual criação do centro logístico, que afetaria profundamente a realidade de Paranapiacaba. Para seus defensores, de forma positiva – gerando novos empregos e oportunidades de ofertar serviços; para seus detratores, de forma negativa – destruindo o ambiente, alterando o ritmo próprio de uma vila patrimonial, exacerbando a oferta de álcool e psicotrópicos junto a uma população vulnerável – uma das externalidades negativas que deveria ser contemplada no projeto do centro logístico. Um debate no qual a Prefeitura, pelas notícias levantadas, não parece ter posição fixa, que exalta movimentos ambientais e não mobiliza o morador comum.

Na ausência de uma estratégia clara de desenvolvimento, à luz de um quadro no qual a Vila é apartada de uma dinâmica econômica própria, mesmo o turismo – setor potencialmente protagonista – é visto, pela maioria dos entrevistados, como de oferta de baixo valor, portanto capaz de atrair somente o turista pouco exigente e não raro negligente em sua relação com Paranapiacaba. Há algo dissonante nessa equação, todavia, em se considerando que o custo médio do pernoite nas pousadas da parte baixa da Vila, no booking.com, ultrapassa R\$200 por casal.

Não está claro a que ponto o problema é causado por posturas diametralmente opostas e/ou acirrado por uma brecha de comunicação. Ao fim e ao cabo, nas entrelinhas das divergências parece imperar um embate contínuo entre alguns protagonistas, que falam em nome de Paranapiacaba, com foco no patrimonial e no ambiental; e a Prefeitura, tendo à margem o silêncio da maioria da população. É notável a **ausência de lideranças sociais validadas por todos** e não por grupos. Ocupando esse vácuo movimentam-se atores que se atribuem influências de envergadura nem sempre reconhecidas pelos demais.

O jovem, elo mais frágil da cadeia

² Martins, José de Souza. *A Aparição do Demônio na Fábrica - origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Editora 34, 2008

O programa de formação ambiental foi diversas vezes mencionado como a única iniciativa integrada e de longo prazo voltada ao jovem – do conteúdo abordado na escola, a um programa contínuo de formação, que derramava incentivos inclusive para sua família, concedendo um desconto na taxa de uso da casa. O programa não teve continuidade e, desde então, os jovens teriam perdido a perspectiva de futuro.

Entre a sensação de abandono, da falta de oferta cultural, de baixa autoestima e de fragilidade na valorização da Vila, a maioria dos entrevistados afirma que o jovem quer emigrar para Suzano, Ribeirão Pires, São Paulo. Nesse contexto, incrementar atividades de monitoria ambiental (que, para muitos, mostra-se já saturada, diante de um turismo concentrado no fim de semana) e de eventuais ofertas em hospitalidade (também restritas a dois dias) não bastaria. O que, porém, esse jovem deseja, ainda é uma incógnita, que se pretende ao menor tatear no mapeamento quantitativo.

Como os moradores em geral se relacionam com a Vila resta inconcluso – ressalte-se que o último levantamento junto a eles ocorreu em 2005. Para vários entrevistados, embora a maioria das famílias não descenda das originárias, as que lá estão incorporaram seu modo de ver o mundo em estamentos, tão rigorosos como os do ordenamento urbano na vila nova. A bibliografia mostra que, na base da pirâmide, estavam os operários de diferentes origens, especialmente espanhóis e italianos; um degrau acima, os comerciantes portugueses; no alto, os engenheiros e médicos ingleses; acima de todos, o engenheiro-chefe. "Interessados na extinção do sistema escravista no Brasil, os ingleses ajudavam escravos fugitivos a escapar para o Quilombo do Jabaquara, localizado em Santos. Mas não empregavam negros na ferrovia ou nos serviços da vila."³ De fato, pela bibliografia percorrida nos trilhos da fase ferroviária, o que para muitos era local de passagem, um não-lugar, o espaço que marcava o tempo entre o desejo de estar além e o lá chegar, para os moradores de Paranapiacaba era a permanência de uma vida ritmada pela torre do relógio, concretizada no desenho urbano ortogonal e perpetuada na sensação contínua de vigilância. Contrariamente às vilas operárias urbanas, não havia válvula de escape dominical de mudança de contexto, fosse físico ou emocional. Paradoxalmente, se para os viajantes Paranapiacaba representava a passagem para novas possibilidades, para os de lá era um mundo fechado em si mesmo. Existindo ou não cristalizações culturais herdadas dessa época no imaginário coletivo atual, são frequentes as menções de que a Vila permanece à margem – em mobilidade, conectividade, autonomia de seu destino.

³ In Plens, Cláudia Regina, *A Arqueologia da São Paulo Oitocentista: Paranapiacaba*. São Paulo: Annablume, 2017

Diante da falta de estudos recentes e aprofundados, cada interlocutor mede o habitante de Paranapiacaba com sua própria régua. Para alguns, o caminho é estimular a população a empreender e de modo sustentável. Resta saber se a população está disposta a empreender; em o estando, se tem condições de fazê-lo; e, por fim, se estaria aberta a trabalhar em rede, como se deve a um destino turístico. "Temos lojas, bares, restaurantes. Um não promove os outros. É completamente desestruturado", foi-nos dito em entrevista.

Por um lado, parece que tanto quem eventualmente buscaria empreender quanto a própria gestão não conseguem, podem ou sabem se mobilizar nesse contexto de desconfianças. Como ouvimos em outra entrevista: "As pessoas reclamam do que foi feito no passado e não discutem o futuro."

A relação do morador com seu território - uma questão aberta

Se para alguns os moradores se identificam com a Vila, a ponto de construir narrativas de seus bairros ("ainda que na sua versão") e respeitam o espaço público ("não se vê lixo na rua, no cotidiano da Vila"), para outros quem mais desrespeita o patrimônio edificado é o morador que escolheu a Vila por falta de opção e lá permanece unicamente por pagar uma taxa baixa. Talvez as leituras se refiram a moradores de distintas safras? É uma questão aberta. De todo modo, sente-se a ausência de um programa de educação patrimonial que favoreça o reconhecimento do valor da Vila pelos cidadãos do presente, o que em parte pode explicar a percepção geral de que a população não se conecta à ideia da Vila como a grande potência turística que os forasteiros enxergam e buscam.

Concentrado aos fins de semana, o turismo ganha destaque durante os eventos – Festival de Inverno, Festival de Fotografia, Rota do Cambuci, Convenção das Bruxas e Magos. Ouvimos em diversas ocasiões que a presença turística pode minar o ritmo de vida comunitária. "Há muita desconfiança por parte dos moradores e isso também dialoga com o processo de restauro. Há receio de que o se tornar turístico faça da Vila um local sem paz. Os eventos são absorvidos, porque passageiros", disse um entrevistado.

5) LEVANTAMENTO DE CAMPO



5.1) Um Processo de escuta

Quem é o cidadão de Paranapiacaba? Quantos anos tem? O que faz? Qual é sua relação com a Vila? Como o turismo impacta em seu dia a dia? Que aspirações traz em seu coração? Como exerga e considera os demais moradores?

Na ausência de estudos que dessem respostas a essas perguntas e cientes de que o protagonista de qualquer processo de desenvolvimento é o cidadão, incluímos no projeto um processo de escuta de todos os moradores das partes alta e baixa da Vila de Paranapiacaba – um “censinho”, como foi dito por um dos entrevistados.

Desenvolvido entre os meses de março a junho de 2021, com implementação no final desse período, o trabalho de campo foi possível graças à participação e ao empenho de dois jovens estudantes, moradores da Vila, que também nos ajudaram a burilar o questionário, a partir de seu entendimento das perguntas que propusemos.

5.2) Considerações e ressalvas metodológicas

O questionário, semiestruturado, foi dividido em dois blocos de perguntas. O primeiro (de dados básicos), abrangeu idade, gênero, local de nascimento e anos de moradia na Vila, abarcando todos os moradores das casas nas quais o questionário foi aplicado. Cada respondente, portanto, ofereceu informações acerca dos demais, estando estes presentes ou não. O segundo (de dados aprofundados) foi respondido apenas pelos moradores presentes na residência no momento da entrevista, com 15 anos de idade ou mais. As questões envolveram trabalho, aspirações, relação com sua casa, a Vila e a atividade turística, bem como o vínculo do morador com o pátio ferroviário e seu entendimento do conceito de patrimônio⁴.

Uma vez que as entrevistas foram realizadas em dias úteis e em horário limitado, respeitando os protocolos do Plano São Paulo de combate à Covid-19, é natural predominarem, entre os respondentes, além de estudantes, trabalhadores autônomos, informais, aposentados e desempregados – a parcela da população mais vulnerável a crises como a atual e a que se perfila para o pós-pandemia.

⁴ Os questionários completos encontram-se no anexo.

Tendo em vista o contingente de respondentes com atividade profissional fora da Vila, não houve base estatística significativa para analisar informações de origem-destino, como inicialmente havíamos planejado analisar.

No intuito de cobrir o maior número possível de residências, cada casa sem atendimento foi visitada por três vezes (excetuando-se aquelas cujos moradores já haviam se recusado a participar, quando de visita anterior). Não há como especular se as que permaneceram não atendidas o foram devido ao horário de visita que não se estendeu pela noite, por alguma ausência temporária dos moradores, em decorrência da pandemia ou por outro motivo.

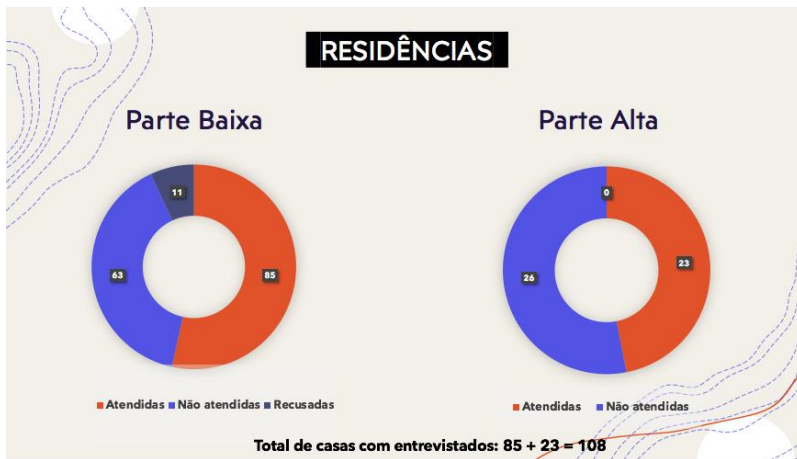
Respeitando a confidencialidade prometida aos entrevistados, os dados serão apresentados e divulgados de agregada, sem identificações individuais.

Devido ao tamanho da base de respondentes das questões aprofundadas, para conferir maior robustez à análise as respostas a elas serão apresentadas de forma agregada (partes alta e baixa).

5.3) Questões básicas

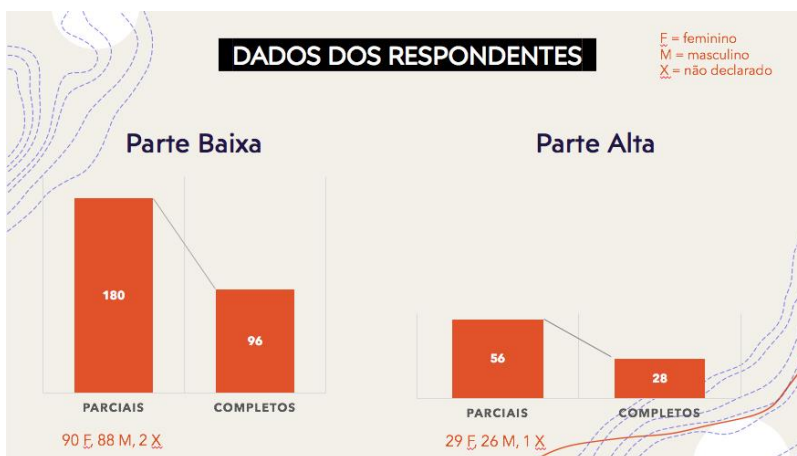
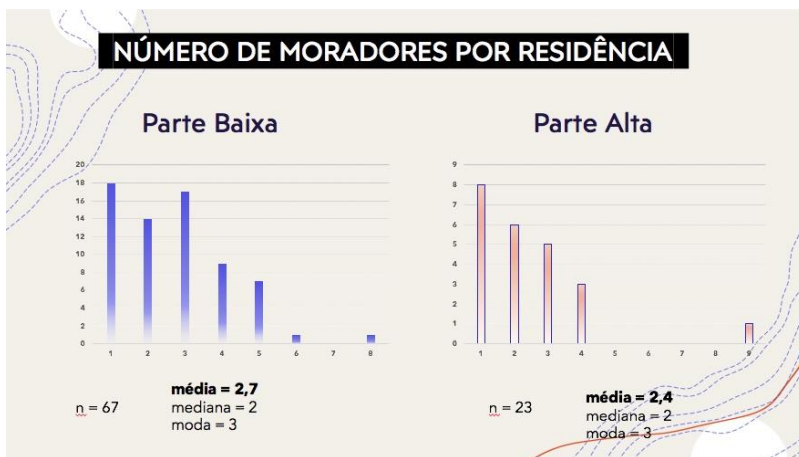
Das 159 residências com moradores fixos identificadas na parte baixa, 85 foram atendidas (53,5% do total), em 11 delas os moradores se recusaram a participar e, nas demais 63, não foram localizados residentes quando das tentativas de entrevista.

Já na parte alta, das 49 residências mapeadas, houve entrevistas em 23 (47% do total) e em 26 delas não houve resposta. Em nenhuma das casas visitadas ocorreu recusa à participação.

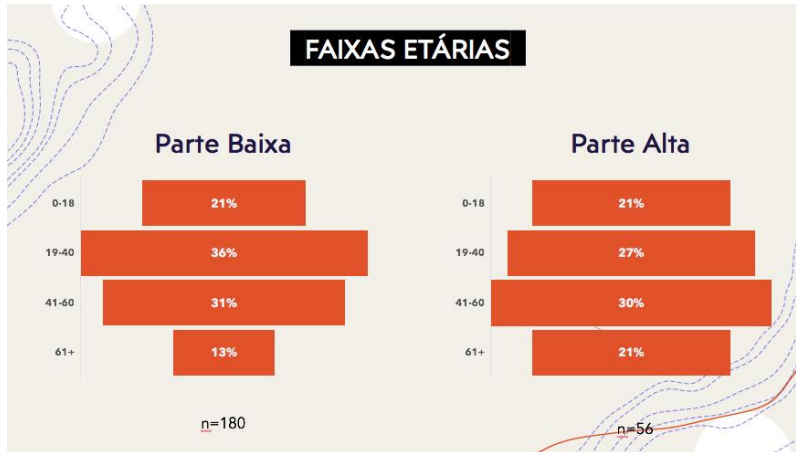


O levantamento de campo reflete, em suas questões básicas, dados relativos a 52% dos residentes fixos na Vila de Paranapiacaba.

Nota-se que os domicílios da Vila são lar para pequenas famílias. A média de residentes na parte baixa é de 2,7 pessoas, com mediana 2 e na parte alta, respectivamente, média 2,4 e mediana 2.

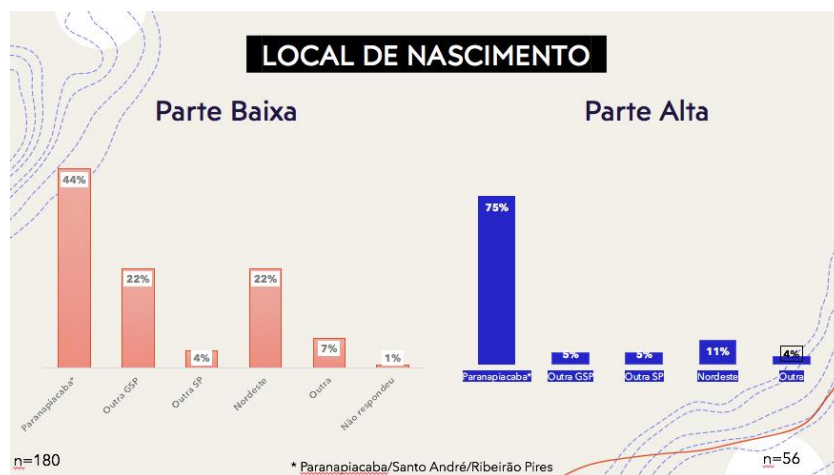
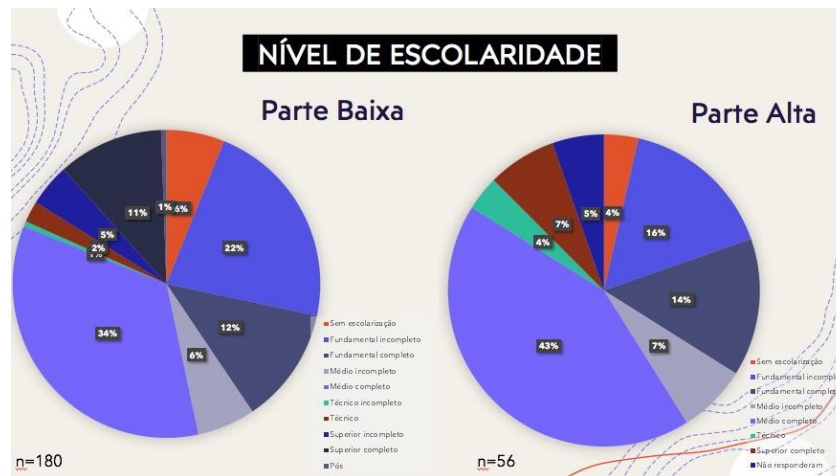


Obtivemos dados de 236 moradores (180 na parte alta, 56 na baixa), notando-se equilíbrio de gêneros. Um total de 124 respondentes (96 + 28) com 15 anos ou mais participou de questões aprofundadas.



Na parte baixa há leve predominância de faixas mais jovens (21% de 0-18 anos e 36% de 19-40, representando os 61+ apenas 13%. Já na parte alta, equivalem-se as duas faixas extremas (ambas com 21%) e há leve prevalência de adultos de 41-60 anos (30%).

Na parte baixa, 6% dos entrevistados não têm escolarização, 23% não concluíram o ensino fundamental e 17% têm ensino superior (em curso/ concluído). Na parte alta, 43% concluíram o nível médio e 4% o técnico, 4% não são escolarizados e 16% não concluíram o ensino fundamental.



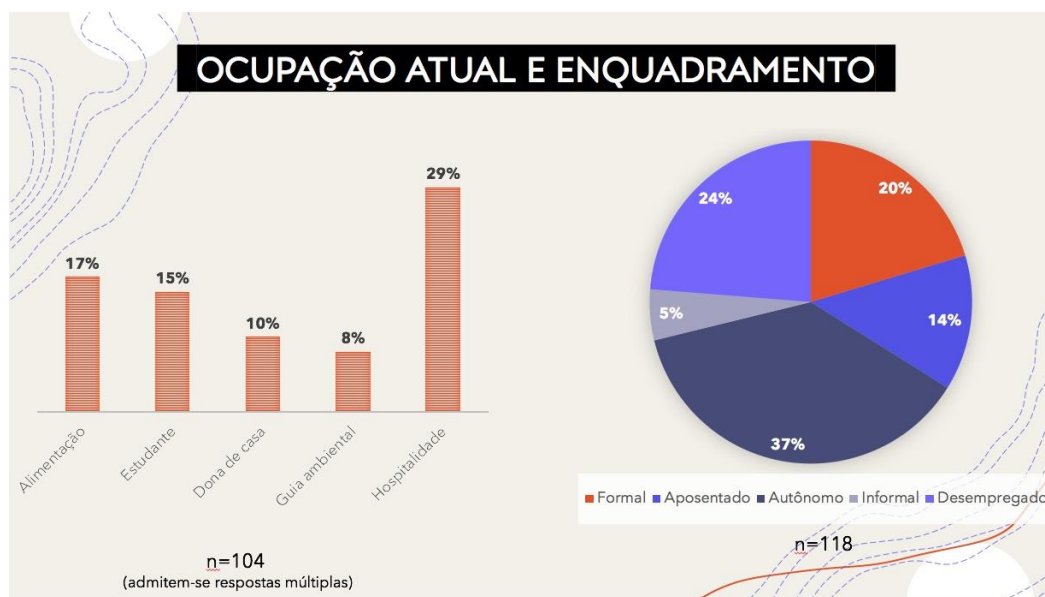
Três a cada 4 residentes na parte alta nasceram na Vila (ou nas cidades vizinhas, especialmente em Santo André e Ribeirão Pires, por registro formal), ante 44% na parte baixa - o mesmo número, somado, dos nascidos em outros municípios da GSP (22%) e no Nordeste (22%).

A população da Vila é antiga, especialmente na parte alta, onde 74% dos não nascidos na Vila (ou 20% dos residentes na Parte Alta) têm 20 anos ou mais de endereço, ante 51% na parte baixa (38% dos lá moradores). Apenas 4% dos residentes na parte alta e 3% na parte baixa moram há menos de 2 anos na Vila.



5.4) Questões aprofundadas

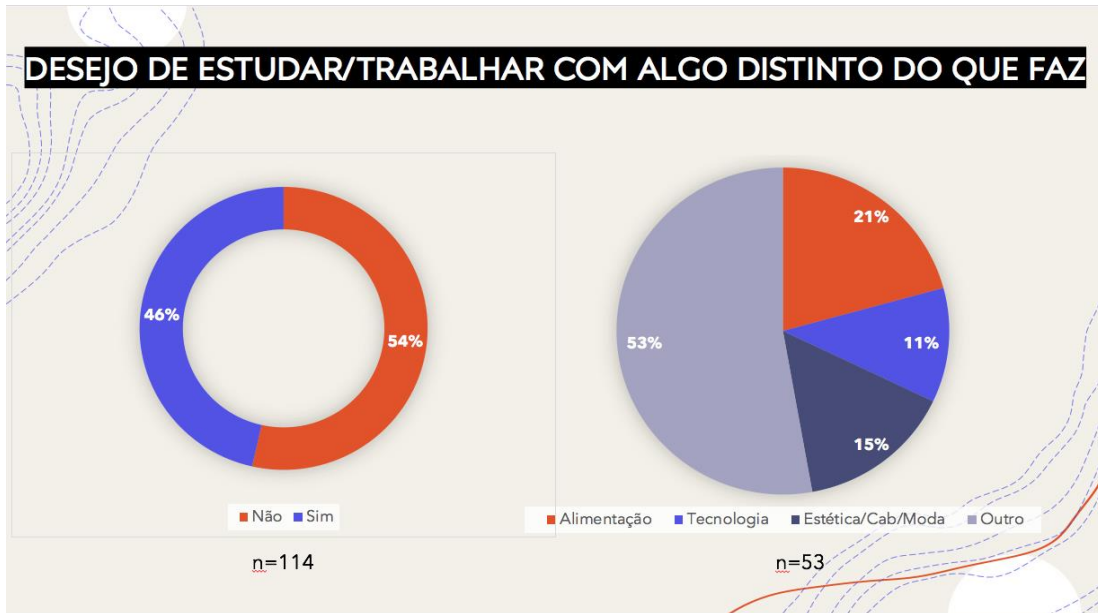
Reitera-se que os dados apresentados a seguir se referem apenas aos moradores que estavam presentes no momento da entrevista, com 15 anos ou mais.



...OS vinculados à hospitalidade - de trabalho em pousada a venda de pipoca aos fins de semana.

O setor de alimentação também teve destaque nas atividades profissionais mencionadas, especialmente a de cozinheira. Ressalta-se a autodeclaração de desempregado por um a cada quatro entrevistados. Dentre estes, a maioria não apontou ocupação anterior com qualificação.

Dados os percentuais de respostas de enquadramento como autônomo (37%) e informal (5%) e o perfil sociodemográfico dos respondentes, aventa-se que parte dos que se declaram autônomos sejam, na realidade, informais.

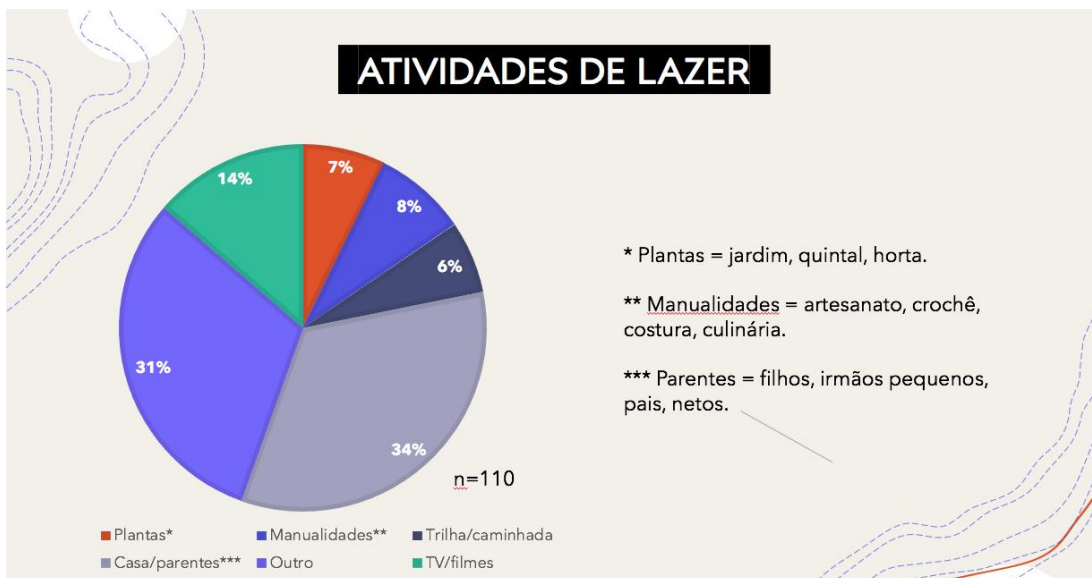


Questão fundamental a se levar em consideração, no que tange à diversificação das oportunidades de trabalho dos moradores de Paranapiacaba, é a declaração, por mais de metade (54%) dos respondentes, de que não desejam estudar ou trabalhar com algo distinto do que já fazem.

Dentre os 46% restantes, há grande pulverização de interesses, com prevalência de atividades vinculadas a alimentação (21%), estética/cabeleireiro/moda (15%) e tecnologia (11%).

Caminho complementar e eventualmente sinalizador de oportunidades de envolvimento profissional é dado pelas atividades desempenhadas em tempo livre. Um a cada três respondentes declarou se ocupar com a casa ou dedicando-se a parentes, sendo porém especulativo concluir se tratar de uma opção ou de um empenho.

Duas outras atividades a ter em conta são manualidades (artesanato, crochê, costura, culinária, com 8% das respostas) e cuidar de plantas (jardim, quintal, horta, com 7%).



Caminho complementar e eventualmente sinalizador de oportunidades de envolvimento profissional é dado pelas atividades desempenhadas em tempo livre. Um a cada três respondentes declarou se ocupar com a casa ou dedicando-se a parentes, sendo porém especulativo concluir se tratar de uma opção ou de um empenho. Duas outras atividades a ter em conta são manualidades (artesanato, crochê, costura, culinária, com 8% das respostas) e cuidar de plantas (jardim, quintal, horta, com 7%).

Em "do que gosta, em Paranapiacaba", as menções mais frequentes foram abrangentes - "tudo", "ambiente". Estimulado pelos entrevistadores, seu aprofundamento enfatizou "paz", "sossego", "tranquilidade", bem como uma dimensão vinculada à natureza, como "proximidade à mata", "água", "ar".

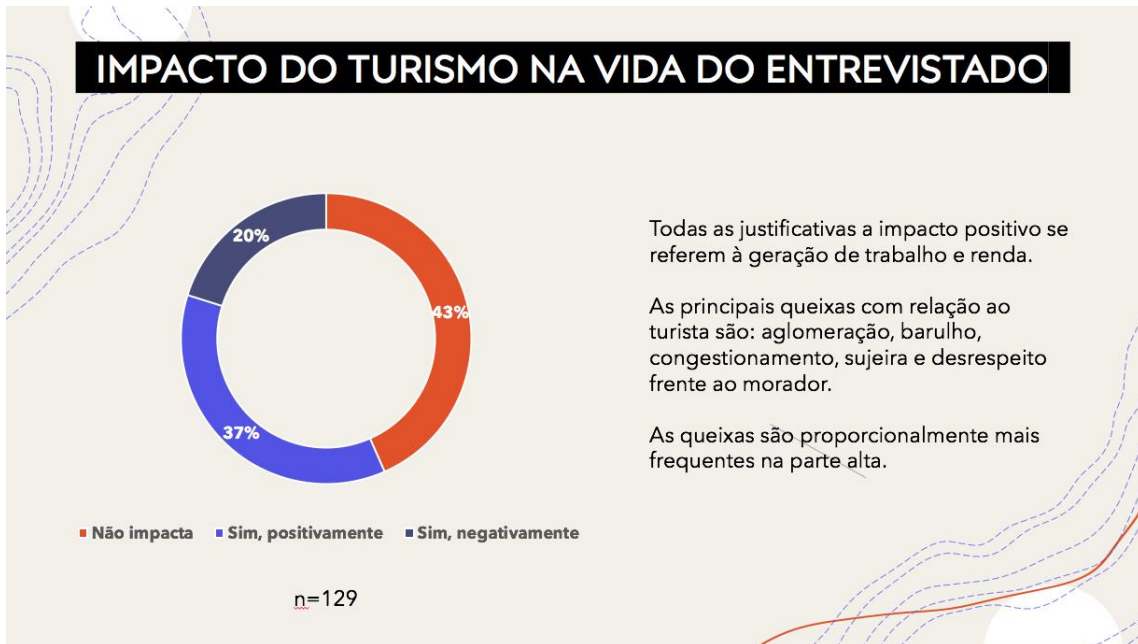




A interação com os vizinhos sobressai em “do que não gosta”, traduzida por “fofocas”, “intrigas”, “desunião”. O desagrado mais comum se refere a “gestão” ou a “gestões”, ressaltando-se burocracia, descaso com o patrimônio, desrespeito e falta de informação – esta entendida como dificuldade em “fazer-se representar”, em “ter voz”. O terceiro maior desagrado envolve “transporte”, especialmente pelo tempo de espera.

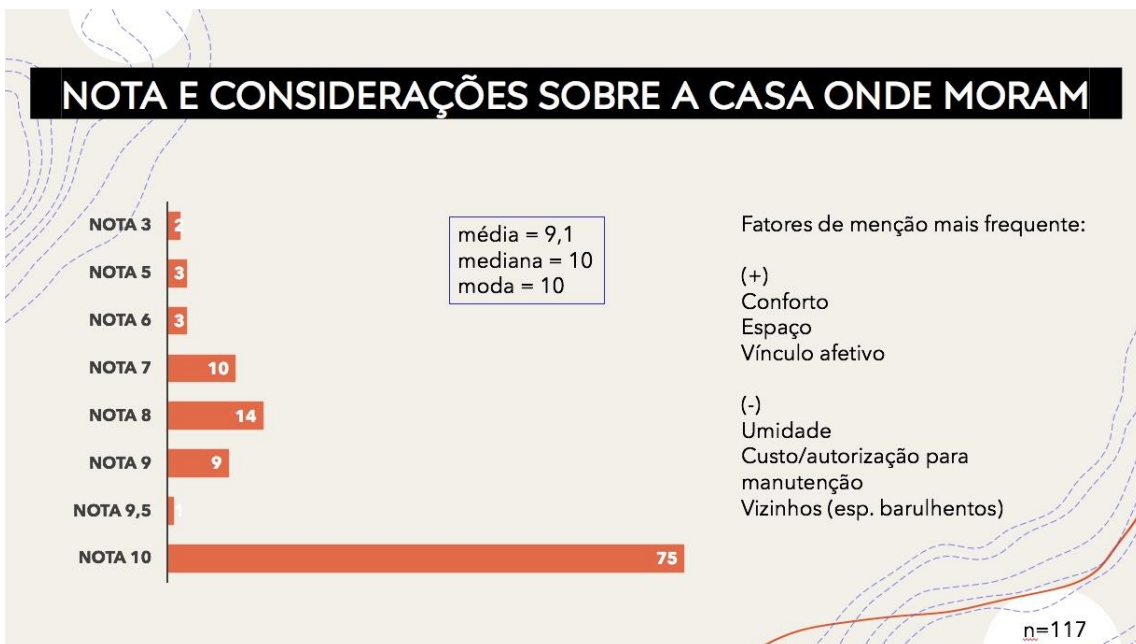


carros” ou “de gente na ponte”, “sujeira” e uma menção mais genérica, de “desrespeito ao morador”, traduzido por alguns como “se sentir invadido”.

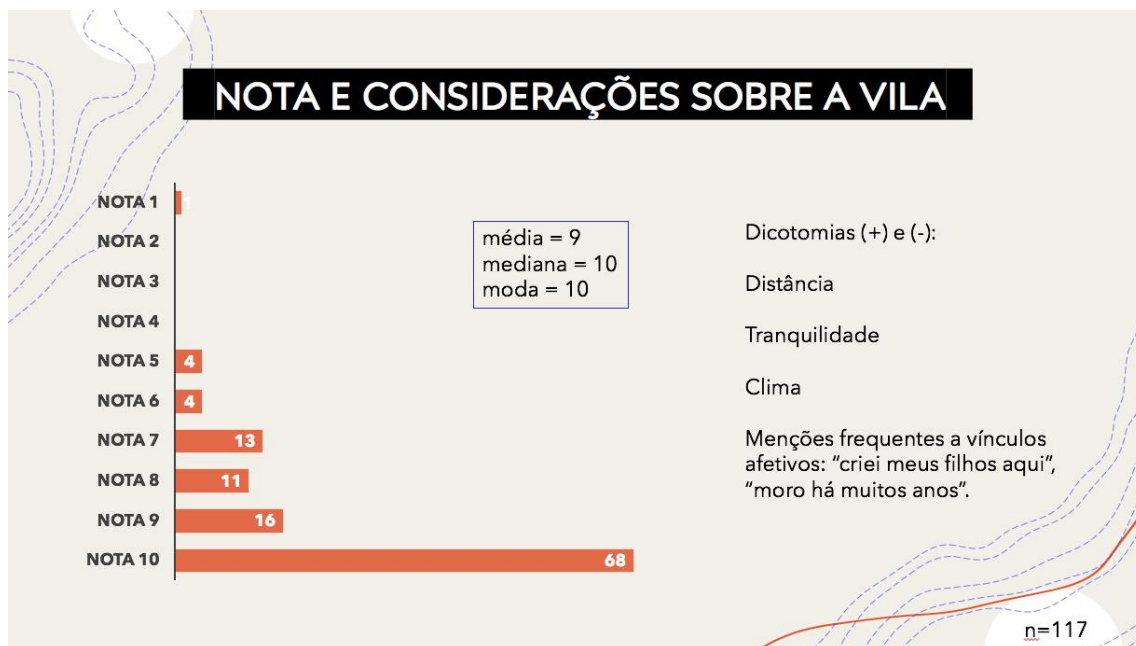


le por um lado chega a maioria dos turistas (e ali estaciona) e, por outro, onde há menor número de empreendimentos voltados ao turismo.

A casa é muito bem avaliada pela vasta maioria dos residentes, destacando-se menções a "conforto", "espaço" e a várias qualificações que denotam um vínculo afetivo, como "cresci nela" e, na parte alta, "é minha". Mesmo quando fatores negativos são apresentados, em especial "umidade", "custo de manutenção", necessidade de "autorização para mexer" e até mesmo "vizinhos barulhentos", a nota atribuída pelos moradores tem média 9,1, com mediana e moda 10.



Considerações e notas semelhantes se referem à Vila, com destaque a dois aspectos. O primeiro é que as queixas mais frequentes são também as que polarizam com os fatores de maior agrado, como "distância das cidades" x "tranquilidade"; "sossego" x "calmaria"; "natureza" x "umidade". O segundo remete ao universo afetivo de quem tem mais tempo de moradia, independentemente da história da Vila em si, como "criei meus filhos aqui" ou "moro há muitos anos".



Para uma minoria, não representa "nada" ou essa pergunta jamais lhes ocorreu ("não sei").

Um segundo grupo estabelece uma relação racional com o pátio, seja histórica ("É a história do Brasil") ou pessoal ("É importante para o turismo, para o meu trabalho").

Um terceiro conjunto de pessoas se relaciona com o pátio ferroviário de forma afetiva: "É parte da minha vida"; "É a história da Vila, das pessoas que trabalharam aqui, do meu pai".



O reconhecimento da sua importância e a menção a “abandono” tendem a estar associados nas referências dos dois últimos grupos.

Em alguns casos de moradores mais antigos, surgem relatos saudosistas, como “Antigamente tinha lazer, praça de alimentação, acesso por baixo” e o desejo de que o pátio voltasse a ter um protagonismo entendido como legítimo (“É o coração da Vila”).

O entendimento do que significa “patrimônio” apresenta grandes disparidades dentre os entrevistados. Independentemente de uma verbalização tecnicamente correta, vários deles, com poucos ou muitos anos de moradia, declararam “não saber” – o que não equivale ao “nada”, de outros que podem saber mas não lhe atribuem importância.



contextualizam na Vila mas se situam de forma externa a ela (“É um bem que foi deixado pelos

ingleses”); e os que se envolvem afetivamente com o ambiente patrimonial (“É a nossa história. É tudo”).

Em ambos os casos, referências a “descaso” e “abandono” se misturaram às respostas, ainda que a questão não fizesse referência ao estado do patrimônio – como se o pensar e o verbalizar sua importância, para alguns, engendrasses um misto de lamento e defesa por sua preservação.

6) EIXOS ESTRATÉGICOS RECOMENDADOS



EIXO 1 - TURISMO DE BEM-ESTAR, A DOIS PASSOS DE SUA CASA

1) Proposta

Incentivar a estruturação de um roteiro de vivências voltadas ao bem-estar físico e mental, agregando valor e diferenciação aos serviços oferecidos aos excursionistas ou turistas de proximidade. Entram no rol experiências na natureza, alimentação saudável e atividades baseadas em estética, dentre outras.

2) Contextualização

Embora não raro o turismo de bem-estar seja confundido com o turismo de saúde, a própria definição de "saúde" vem sendo revista. Segundo a [Organização Mundial de Saúde \(OMS\)](#), trata-se de "um estado completo de bem-estar físico, mental e social", em diálogo com a proposta de qualidade de vida. Como este também é um tema de contornos fluidos, a OMS desenvolveu um instrumento de avaliação multidimensional de "qualidade de vida", o [WHOQOL-100](#), composto por 26 perguntas, categorizadas em quatro dimensões: física, psicológica, de relações sociais e meio ambiente, entendendo que as interações com os outros e com o ambiente circundante afetam a forma como nos estruturamos. Nesse tópico, a valorização do verde, da qualidade da água e do ar, a distância da poluição sonora e questões afins desempenham um papel primordial, como conjunto de ativos turísticos complementares.

No Brasil, o reconhecimento da relação entre meio ambiente e bem-estar também vem sendo aprofundada por meio de estudos que avalizam a importância da reconexão com áreas verdes e o que elas oferecem. Em evento intitulado "Saúde e Mata Atlântica", realizado em 2019 pela Fundação SOS Mata Atlântica, diferentes pesquisadores defenderam que passar horas em áreas verdes gera benefícios comprovados à saúde. O patologista Paulo Saldiva, por exemplo, declarou que quanto maior a exposição à natureza, menor o risco de infecções, maior a taxa de recuperação e menor o tempo para a alta de um paciente, pois o contato com a natureza ["foi imprintado em nosso genoma por milhares de anos de evolução"](#).

Complementarmente, o projeto e-Natureza, da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, já demonstrou a geração de emoções positivas, como alegria, paz e tranquilidade, motivadas pela visão da natureza, além de melhora na autoestima, até mesmo entre pacientes internados em hospitais. Para a [coordenadora do projeto](#), "Essas imagens têm influenciado a experiência de pacientes em quimioterapia, tanto em nível físico quanto emocional. São estudos pioneiros no país que sinalizam o potencial de

pesquisas nessa área, tendo em vista nossa biodiversidade, diferentes biomas, possibilidades de intervenções baseadas na natureza em nosso meio”.

Trata-se de uma linha de comprovações científicas extremamente oportuna, em especial em decorrência da desestruturação massiva ocasionada pela pandemia. Se antes dela a procura por propostas voltadas ao condicionamento do corpo e ao alívio do estresse já era uma tendência marcante e nas mais diversas faixas etárias – haja vista a adoção de [aulas de meditação por escolas de diferentes perfis](#), imersões corporativas no Schumacher College ou [atividades de mindfulness](#) ou o sucesso de encontros como a Virada Zen -, desde março de 2020 houve um aumento notável na busca de modos de conectar o ser humano, sua cultura e seu meio – a ponto de especialistas se referirem a uma “quarta onda da pandemia”, causada por uma avalanche de casos de sofrimento mental, tanto em sequelados, quanto em pessoas que não contraíram a doença.

Segundo a [Associação Brasileira de Medicina](#), a imprevisibilidade e o medo em relação à doença, o isolamento social, eventuais trajetórias de luto e inevitáveis mudanças provocadas no cotidiano, além de um impacto nas finanças da maioria das famílias têm gerado uma [sobrecarga inaudita de pressões psíquicas de várias ordens](#). Uma pesquisa feita pela [Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#), em meados de 2020, revelou que, durante a pandemia, os brasileiros desenvolveram – e quem já tinha aumentou – sintomas de estresse, ansiedade ou depressão. No país, 80% dos entrevistados reportaram sintomas moderados a graves de ansiedade e 68% de depressão, ante uma média de 30% nos outros países pesquisados.

Em suma: os impactos da pandemia serão mais duradouros do que a própria. Nas estratégias para minimizar esses efeitos pós-traumáticos, surgem ou se reforçam segmentos de mercado associados ao bem-estar e à qualidade de vida, associados a uma [atitude saudável](#) para o corpo e a mente. Eliminar toxinas por meio da transpiração, vivenciar uma experiência relaxante em um espaço tranquilo, espalhar a mente ao mudar o foco dos pensamentos, travar contato com contextos distintos, sintonizar o batimento cardíaco com o ritmo da natureza, expandir a capacidade de contemplação, são algumas das propostas de negócios e destinos que se apresentam como propícios ao bem-estar de uma população crescentemente em busca de modos de se reestruturar.

Fortalecimento do turismo de bem-estar no durante e pós-pandemia

Definido pela Global Wellbeing Association como [viagens associadas à busca de manter ou aumentar o bem-estar pessoal](#), o turismo de bem-estar se sustenta, dentre outros [eixos](#), sobre o contato com a natureza (ou [ecopsicologia](#)), a alimentação saudável, experiências autênticas,

autoconhecimento e complementaridade entre atividades físicas (geradoras de dopamina, serotonina e endorfina) e de relaxamento (massagens, meditações e outras terapias naturais).

Durante a pandemia, a Associação de Turismo de Bem-estar (WTA) desenvolveu uma pesquisa para entender as motivações dos consumidores de 48 países ao planejar uma viagem de bem-estar. Os dois maiores impulsionadores foram o **desejo de estar na natureza e a melhoria da saúde mental**, de modo especialmente a voltar à vida cotidiana sentindo-se rejuvenescido (38% das respostas, sendo admitida mais de uma opção), fugir das demandas do dia a dia (26%) e experimentar atividades ao ar livre (25%).

Em termos de negócios, as atividades vinculadas ao bem-estar envolvem longas cadeias de micro e pequenos empreendimentos, além de uma miríade de profissionais autônomos, atuantes em saúde, estética, alimentação, atividades manuais, experiências na natureza, turismo ecológico, dentre outros. Complementarmente, vem cada vez mais se relacionando à proposta de sustentabilidade, em diálogo com a valorização da história local, da natureza circundante, da cultura da comunidade, bem como com práticas de cura e mindfulness, águas minerais, alimentos regionais, técnicas de respiração e afins.

Se até recentemente o entendimento de bem-estar remetia à dimensão luxo, hoje se encaminha a passos largos para incorporar propostas acessíveis e integradas ao meio ambiente. A mesma pandemia que acelerou o rechaço ao consumismo e a valorização do reuso parece ter incrementado a consciência da necessidade de aliar o bem-estar individual ao do ambiente, este entendido como “sustentabilidade”. Entram em cena questões como a priorização do uso de materiais naturais nas estruturas construídas, a valorização de recursos locais e materiais de baixo impacto ambiental e o cuidado com o ar e a água. Exemplo dessa arquitetura saudável é o projeto vencedor do concurso para a construção do Hotel Van der Werf, em Holambra, que prioriza o bem-estar em todos os aspectos: de camas suspensas, que supostamente auxiliam na consolidação da memória durante o sono, ao sistema bioclimático (que se vale do clima para reduzir o consumo de energia e regular a temperatura interna); do plantio de hortas orgânicas verticais, à integração da vegetação e das cores para otimizar as sensações estimuladas pelo ambiente.

3) O Turismo do bem-estar no contexto de Paranapiacaba

Conforme delineado acima, Paranapiacaba tem uma oportunidade ímpar de se firmar como destino de bem-estar, valendo-se de ativos valorizados inclusive por seus residentes, tais como tranquilidade, ar puro, água limpa, presença constante da natureza, caminhadas; e da geração de novas ofertas, que reverberam os anseios de trabalho mais expressivo dos entrevistados na

Vila: hospitalidade e estética. Enquadram-se nesse contexto ofertas com valor agregado, a exemplo de alimentação natural, baseada em ingredientes da Mata Atlântica; vivências de meditação, contemplação e mindfulness na floresta (o denominado “banho de floresta”); atividades vinculadas à beleza e à estética, como massoterapia, técnicas de relaxamento e afins. Ademais, a vasta maioria dessas atividades – tanto técnicas quanto gerenciais - envolve temáticas de expertise de instituições já conhecidas da Vila, como Sebrae e Senac.

Pelo lado da demanda, a proposta dialoga tanto com as aspirações dos cidadãos de Paranapiacaba – que repele o turista barulhento e desrespeitoso do contexto e das restrições sanitárias -, quanto com as tendências do mercado. Para Elisa Arruda, do Viaje na Viagem, o [turista brasileiro vem priorizando](#) viagens nacionais, em virtude em parte das barreiras sanitárias impostas ao país, mas também da elevação do câmbio e de restrições financeiras das famílias. Como resultado, volta-se a viagens mais curtas e para destinos em um raio próximo de onde reside.

Essa leitura encontra respaldo em [pesquisa](#) divulgada pelo site em julho de 2020, acerca do que faria as pessoas se sentirem seguras para viajar. Dentre os cinco fatores mais importantes, constam “evitar destinos com aglomerações” (76% dos entrevistados), o destino ter “selo de segurança do governo ou entidade do turismo” (62%) e “tempo e distância até o destino” (31%). Complementarmente, foi possível identificar cinco tipologias do viajante brasileiro atual, em sua relação com a pandemia e as propostas dos destinos.

- a) “Tô-nem-aínens” (1,6% do total), relevam a pandemia e desrespeitam as regras dos estabelecimentos.
- b) “Desconfinados” (19%) planejam viajar, tomando no destino os mesmos cuidados sanitários que adotam em suas casas. São os primeiros a chegar no destino, motivando grupos mais desconfiados a fazer o mesmo.
- c) “Fugitivos” (7%), alugam ou têm casa de veraneio e se refugiam nesses locais.
- d) “Ressabiados” (46%), acompanham a curva da pandemia e viajam quando sentem segurança no destino.
- e) “Abstinentes” (26%), só viajarão quando tiverem certeza de não correr riscos.

Por suas características, o turista de bem-estar parece especialmente afim ao perfil dos Desconfinados e dos Ressabiados, somando assim 65% dos turistas brasileiros.

Em uma rápida visita a plataformas de pacotes de viagens de bem-estar, é possível perceber uma grande carência de ofertas próximas ao maior emissor de turistas do Brasil: a capital paulista. É o caso da [Yotus](#), que começou a atuar no país em fins de 2019, com a proposta de

incluir o Brasil na rota dos melhores destinos para viagens de bem-estar do mundo, valendo-se da beleza natural do país, das características turísticas de cada região e de ofertas diversificadas. Embora vários destinos apresentados no site envolvam hospedagens de charme e tratamentos cosméticos sofisticados, há também um conjunto de propostas de "desconexão da rotina", que aliam aventura, ecologia e alimentação saudável. No Brasil, porém, a oferta mais próxima é no Rio de Janeiro, acompanhada de Florianópolis, Búzios, Alto Paraíso de Goiás, Gramado e Itacaré.

Em matéria de maio de 2021, a [BrasilTuris](#) elenca uma série de destinos de bem-estar no país, envolvendo de spas de luxo a agências especializadas em vivência no destino, cultura e natureza, por meio do turismo sustentável.

Paranapiacaba parece talhada para ocupar um nicho de mercado de turismo de bem-estar e restabelecimento do equilíbrio físico, mental e emocional pós-quarentena - não do usualmente associado ao luxo mas ao contrário, do que se apoia no despojamento, na autenticidade, na vivência do momento e do local, na sensação de recobrar a plenitude da vida, do contato real, mediado por vivências naturais e sinestésicas com um enclave de Mata Atlântica envolto por cultura e história singulares.

Para isso, porém, deve vencer fragilidades, sendo as mais evidentes a falta de roteiros organizados, com ativos articulados em rede; de garantia da qualidade dos serviços ofertados; de profissionais capacitados em novas ofertas; de uma estrutura de acolhimento emocional de um turista que tudo o que mais busca é se sentir em sintonia consigo, os demais e o ambiente.

4) Resumo

1) Público prioritário

Turistas em busca de bem-estar, originários da Região Metropolitana de São Paulo.

2) Posicionamento

Em Paranapiacaba, até o bem-estar é natural.

3) Atributos

Conjunto único de ativos, incluindo os já ofertados (que podem ser "reempacotados" sob essa lógica) e novos serviços. Destacam-se

- Água límpida.

- Ar puro.

- Atividades físicas (de trilha a relaxamento) na natureza/banho de floresta.

- Paisagem cultural e arquitetônica integrada à natureza.
- Alimentação saudável e com veio de Mata Atlântica.
- Serviços de bem-estar: estética, massagem, aromaterapia, detox.

4) Próximos passos sugeridos

a) Com resultados de curto prazo

- Criar um selo de validação das condições sanitárias dos estabelecimentos e prestadores de serviços aos turistas.
- Desenvolver uma campanha de divulgação do selo, de modo a aumentar o top of mind e Paranapiacaba junto aos turistas.

b) Médio prazo

- Verificar o interesse dos residentes em Paranapiacaba, sejam eles atualmente empreendedores ou não, de se capacitarem em atividades vinculadas ao bem-estar.
- Realizar atividades de capacitação, em parceria com instituições aptas a tanto, a exemplo de Sebrae e Senac.
- Organizar pacotes e roteiros de empreendimentos voltados ao turista do bem-estar.
- Desenvolver uma campanha de divulgação dos roteiros.
- Incentivar a criação de um comitê de turismo, governando pelos próprios empreendedores, com a participação e/ou orientação de instituições externas, voltado à autorregulamentação e ao monitoramento das condições dos serviços oferecidos.

5) Aderência aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



EIXO 2 - CULTIVO DE PLANTAS ORNAMENTAIS DA MATA ATLÂNTICA POR ECOJARDINEIROS DE PARANAPIACABA

1) Proposta

Estímulo ao cultivo e à comercialização de plantas ornamentais da Mata Atlântica, envolvendo a formação de um viveiro de gestão cooperada e a criação de uma marca-território com rastreabilidade dos produtos certificados.

2) Contextualização

Segundo o [Instituto Brasileiro de Floricultura - IBRAFLOR](#), há no país cerca de 8 mil produtores de flores e plantas, que cultivam mais de 2.500 espécies, de cerca de 17.500 variedades. O setor respondeu, em 2020, por 209 mil empregos diretos, dos quais 81 mil (38,76%) relativos à produção, 9 mil (4,31%) à distribuição, 112 mil (53,59%) no varejo e 7 mil (3,00%) em outras funções, além de contabilizar ao redor de 800 mil empregos indiretos.

Dados de mercado do setor ornamental (2020)

Setor Ornamental 2020	Nacional	São Paulo
Tamanho do mercado (R\$ bilhões)	9.570,00	3.468,00
População brasileira (milhões)	209	47
Consumo per capita - R\$	45,79	73,79
Nr de produtores	8.300	4.565
Área cultivada	15.600	9.360
Tam médio da área de produção	1,88	2,05
Empregos diretos/há	8	8
Mão de obra envolvida (TOTAL)	210.000	125.400
Nr de espécies produzidas	2.500	2.500
Nr de varied. Prod./ cultivares	17.500	17.500
Nr de centrais de atacado	60	25
Nr de empresas atacadistas	680	480
Nr de pontos de venda no varejo	20.000	8.000
Nr de feiras exposições	35	15

Fonte: IBRAFLOR

A cadeia é dinâmica e de vasta capilaridade geográfica, contribuindo para a geração de renda no interior e nos centros urbanos. Cabe destaque ao Estado de São Paulo, maior polo produtor, com 35% de participação, tendo por base pequenas unidades familiares – média de 2 hectares, no território paulista e de 1,9 hectare no Brasil. Conforme o [Mapeamento e quantificação do mercado de flores e plantas ornamentais no Brasil](#), em que pese o nível tecnológico encontrado em muitas propriedades produtoras – dispositivos de climatização, sistemas de irrigação, controle biológico de pragas, estruturas de cultivo protegido -, os ciclos de produção curtos e a presença de operações de difícil mecanização tornam o segmento intensivo em mão de obra, portanto especialmente indicado para regiões de mercado desemprego.

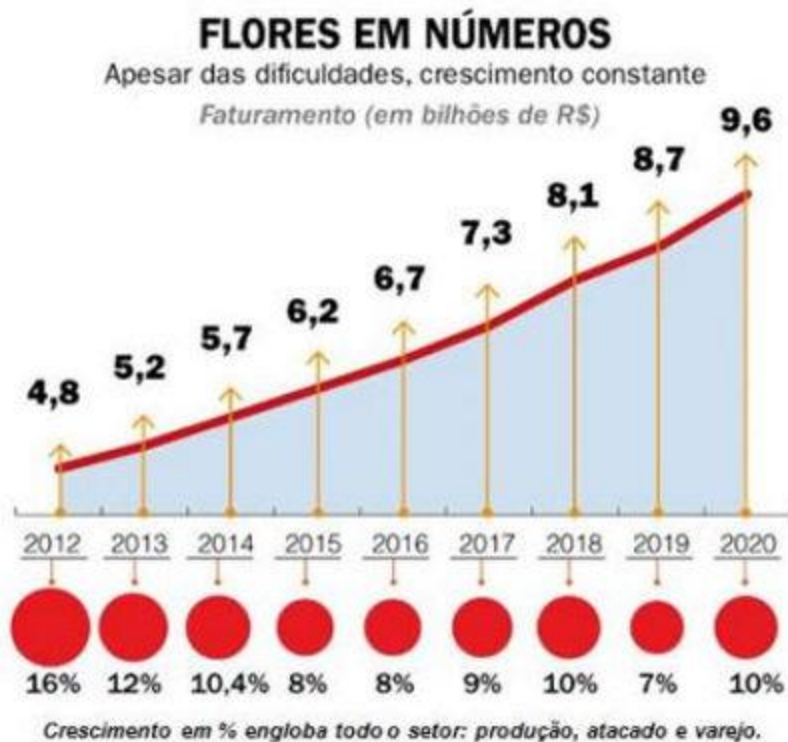
Segundo o mesmo estudo, o arranjo mais promissor para a expansão do mercado parece ser o da organização dos produtores em cooperativas – que, ademais, alcançam as maiores rentabilidades do ramo. A referência vem de São Paulo, onde se concentram as maiores e mais modernas cooperativas de produtores de flores, como a Veiling Holambra, a Cooperflora e a SP Flores.

A pandemia gerou, paradoxalmente, impactos negativos e positivos de envergadura nos cultivos. Por um lado, a impossibilidade de planejamento, diante de um mercado dependente das restrições das fases pandêmicas, bem como a paralisação de eventos que usualmente demandam alto consumo de flores – casamentos, formaturas, noivados, bodas, encontros corporativos, - têm prejudicado as vendas, em especial das flores de corte. Estima-se que o faturamento com a comercialização de flores destinadas a eventos, por exemplo, [tenha recuado 40%](#), em 2020, quando comparado ao do ano anterior. Para compensar a queda nas vendas das lojas físicas, muitos negócios passaram a investir ou incrementaram sua presença no mundo digital.

Por outro lado, a pandemia teve impactos favoráveis significativos no consumo de flores em vaso e plantas ornamentais, segmentos que carregaram um crescimento de 10% no faturamento do assim chamado mercado de flores, perfazendo um faturamento total de R\$9,6 bilhões, em 2020. Em 2021 também há expectativa de crescimento, da ordem de 2% a 5%, segundo estimativas da IBRAFLOR.

Para o professor Paulo Hercílio Viegas Rodrigues, do Departamento de Produção Vegetal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP), o clima cálido do país explica, em parte, o tradicional hábito do brasileiro de privilegiar o mercado de ornamentação, em detrimento do de flores de corte, quando comparado com outros países. Isso explica por que as

plantas ornamentais representaram, em 2020, 50% do faturamento do setor, seguidas pelas flores de corte, com 29% e pelas flores em vaso, com 18%.



Fonte: IBRAFLOR

O crescimento do mercado ocasionado pela pandemia, porém, parece deitar raízes no fato de as pessoas terem transcorrido mais tempo em casa. Com isso, somaram-se vários fatores de impulsão ao consumo das flores em vaso e das plantas ornamentais: a necessidade de se sentirem minimamente em contato com a natureza; a maior disponibilidade/proximidade para rega e demais cuidados; a valorização de um espaço que passou a representar, para muitos, lar, escritório, escola e área de lazer; a necessidade anímica de trazer vida a um contexto de sofrimento social.

O Cultivo de plantas ornamentais da Mata Atlântica

O bioma Mata Atlântica ocupa cerca de 15% do território nacional, de 17 estados brasileiros, acolhe 72% dos brasileiros, onde são produzidos 70% do PIB nacional. Com pouco mais de 12%

de área preservada, as plantas ornamentais nativas são contempladas em apenas [22% dos projetos paisagísticos de Registro](#), a cidade mais populosa do Vale do Ribeira, que por sua vez abriga a maior faixa contínua de Mata Atlântica do país.

Essa “globalização da paisagem”, pautada tradicionalmente pelo paisagismo europeu e incluindo ondas de moda de espécies exóticas, com destaque para as asiáticas e africanas, vem sendo paulatinamente questionada por iniciativas que valorizam o bioma de maior biodiversidade do planeta. Exemplo disso foi a realização, em outubro de 2020, do [I Simpósio Paisagismo e Mata Atlântica](#), por iniciativa da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Seu organizador, o Prof. Dr. Marcelo Vieira Ferraz, coordenador da pós-graduação em Paisagismo, defende que o investimento em plantas ornamentais nativas é ambiental, social e economicamente eficiente, uma vez que espécies adaptadas ao bioma e ao clima exigem menos água e são mais resistentes, praticamente dispensando o uso de defensivos químicos, o que por sua vez resulta em um custo de produção menor. Além disso, a valorização do cultivo de plantas nativas favorece o resgate da medicina popular, baseada no conhecimento tradicional, empírico e plurissecular e impulsiona a economia da regeneração – que, em tempos recentes, vem tomando rápida dianteira à defesa da sustentabilidade. Afinal, enquanto esta defende que se deixe de reduzir os ativos existentes, a primeira advoga pela recuperação do que já se perdeu.

A vasta biodiversidade da Mata Atlântica abrange árvores, arbustos, palmeiras, forrações e um amplo leque de plantas ornamentais, com ou sem florescência, aplicáveis aos contextos mais variados de espaços. Dentre as mais conhecidas constam filodendros, orquídeas, bromélias, farroupilhas, helicônias, avencas, alamandas, amarilis, samambaias de toda sorte e guaimbês, para nos atermos a algumas.

A Grande São Paulo foi palco de iniciativas inspiradoras, ainda que pontuais, na valorização do cultivo de plantas ornamentais pela população de áreas de preservação ambiental. Exemplo disso foi o projeto de extensão rural agroecológica [“Flores do Mel”](#), que em 2013 capacitou 13 agricultores familiares da APA Capivari-Monos e entorno, no cultivo de plantas ornamentais, jardinagem e paisagismo. Seu desenvolvimento abrangeu a realização de um diagnóstico das espécies ornamentais presentes nos quintais dos participantes do projeto, envolveu a construção de pequenos viveiros para cultivo protegido e a estruturação de canteiros para espécies cultivadas sob o sol. Além disso, os participantes projetaram e construíram jardins em suas propriedades. Como resultados, os pesquisadores elencaram a ampliação do entendimento da importância dos serviços ambientais e do desenvolvimento da cadeia de produção com plantas ornamentais nativas.

Igualmente rico, como aprendizado, é o elenco de dificuldades apontadas para a expansão das cadeias de espécies ornamentais nativas, a maioria das quais dependente da ação pública, cabendo ressaltar a carência de capacitação para o manejo e a produção das espécies e dificuldades burocráticas para a produção e a comercialização, o que acaba por impulsionar o mercado de espécies exóticas, menos sujeitas às mesmas regulamentações. Em que pese a situação se referir a 2013, os pesquisadores afirmavam então que políticas públicas e de assistência técnica, que incorporem propostas agroecológicas com inserção das espécies nativas, praticamente inexistiam.

Desde então, alguns governos municipais têm tomado a dianteira no desenvolvimento de ações de política pública voltadas à sensibilização cidadã de cultivo e plantio de espécies da Mata Atlântica de diferentes portes. Em Salvador, a Secretaria de Sustentabilidade e Resiliência criou o programa "[Disque Mata Atlântica](#)", por meio do qual o cidadão pode solicitar a entrega de até duas mudas nativas em sua residência. Complementarmente, o programa "Caravana Mata Atlântica" atende às solicitações de plantios para as ruas da cidade, envolvendo os técnicos da Secretaria e os cidadãos.

Outra iniciativa digna de nota são os "[Jardins de Mel](#)". Promovida pela Secretaria de Meio Ambiente de Curitiba, tem como objetivo a divulgação da importância dos serviços ecossistêmicos de regulação e equilíbrio do ambiente prestados pelas abelhas nativas sem ferrão, responsáveis pela polinização de cerca de 90% das plantas brasileiras, incluindo as comestíveis. Originários dos meliponários do Museu de História Natural Capão da Imbuia, os Jardins de Mel já dispuseram caixas com colônias de abelhas sociais nativas sem ferrão em mais de 50 locais da cidade, incluindo o Zoológico Municipal de Curitiba, o Passeio Público, o Parque Barigui e o Jardim Botânico, além de em hortas comunitárias e escolas municipais. O programa também promove cursos de capacitação dos que passam a ser chamados "Guardiões das Abelhas sem Ferrão", contribuindo para a manutenção de uma cultura transmitida de geração a geração, desde os povos indígenas.

3) O Cultivo de plantas ornamentais no contexto de Paranapiacaba

A sustentabilidade de qualquer iniciativa voltada à diversificação econômica da Vila de Paranapiacaba, não só mas especialmente com base na economia criativa, envolve três ordens de análise: de adequação aos anseios da população local; de aproveitamento de oportunidades de mercado, o que por sua vez incorpora a valorização pela sociedade; e a existência de um diálogo com as singularidades do território.

1) Adequação à população local

Para além da possibilidade de geração de novas ocupações por um contingente de trabalhadores desempregados ou informais e da consequente complementação da, uma leitura atenta das respostas dos cidadãos ao levantamento realizado em maio/junho de 2021 junto à população explicita vários eixos de convergência entre o aqui proposto e o universo afetivo da comunidade residente na Vila. Essa questão é especialmente relevante, tendo em vista mais de metade dos respondentes não estar propensa a considerar em uma nova área de estudo ou trabalho. Por outro lado, o cuidado com plantas (quintal, jardim, horta) foi a segunda menção espontânea de maior destaque ente atividades de lazer ativas (ou seja, excluindo-se estar com a família e ver TV/filmes), em patamar muito próximo a realizar atividades manuais. Tanto uma quanto outra denotam simpatia ao universo do cultivo e arranjo de plantas ornamentais.

Complementarmente, destaque-se que natureza, água e ar estão dentre os fatores mais apreciados em Paranapiacaba. A identificação e a valorização do entorno natural, do verde, do meio ambiente, são pontos de realce nas manifestações dos moradores.

2) Oportunidades de mercado/valorização pela sociedade

Conforme já salientado, o mercado de plantas ornamentais já estava em crescimento antes da pandemia, tendo sido impulsionado por esta. A tendência de naturalização dos espaços, de aproximação a ambientes verdes de reconhecimento dos benefícios emocionais e mentais proporcionados por estes vem sendo reiterada a cada dia. A título ilustrativo, em maio de 2021 foi lançada a Aliança [Bioconexão Urbana](#), com vistas a disseminar o conceito de Soluções Baseadas na Natureza (SBN)⁵ nas cidades brasileiras. A iniciativa é composta por oito instituições, envolvendo governos, iniciativa privada e organizações da sociedade civil: Fundação Grupo Boticário, Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos, Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, ICLEI – Governos Locais pela Sustentabilidade, Pacto Global, Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, WRI e The Nature Conservancy.

3) Diálogo com o território

⁵ Conforme definição da [União Internacional para a Conservação da Natureza](#), são “soluções que imitam e/ou se baseiam em processos naturais de ecossistemas saudáveis.”

Aninhada em meio à Mata Atlântica, a Vila de Paranapiacaba traz vínculo intrínseca com o bioma. Habitat das espécies a serem trabalhadas, abundância de nascentes que abastecem a região metropolitana, microclima perfeito constituem alguns dos aspectos fundantes da proposta.

Adicionalmente, há que se resgatar a inovação seminal da própria origem da Vila de Paranapiacaba – tanto em termos de arrojo de constituição, como das tecnologias de ponta empregadas à época, quanto ainda no papel de eixo alavancador de uma nova fase da economia brasileira. Se Paranapiacaba foi pioneira em tantos aspectos, pode recobrar essa posição tornando-se um caso referencial de inovação em serviços ambientais vinculados à diversificação econômica de uma região tão necessitada dela e em um momento no qual a mudança climática é entendida como o maior e mais provável risco global, conforme [estudo emblemático](#) do Fórum Econômico Mundial, dentre outros.

Note-se que, na proposta desenhada, o fato de o cultivo de plantas se dar por meio da gestão cooperada se beneficiaria do que alguns dos moradores consideram um dos ativos da Vila – a amizade entre vizinhos – e, por outro lado, criaria uma nova instância parcial de governança, propositiva e possivelmente refratária à lógica de desunião, da qual se queixam vários outros residentes.

Por fim, visto a gestão da Vila de Paranapiacaba ser exercida pela Secretaria do Meio Ambiente de Santo André, imagina-se que a própria gestão envidará todos os esforços para apoiar uma iniciativa de destaque, tendo por centro seu campo de atuação, ainda que em uma necessária articulação com outras pastas públicas, a exemplo de Turismo e Desenvolvimento Econômico. Seria uma ação pioneira, ambientalmente inovadora, economicamente viável e socialmente sensível da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Em termos econômicos, cabe considerar que, muito embora o viveiro de plantas ornamentais da Mata Atlântica possa em si constituir novo atrativo turístico de Paranapiacaba e se beneficiar de um fluxo de turistas amantes da natureza, trata-se de uma atividade econômica que, a rigor, não depende do turismo para sua sustentabilidade.

4) Resumo

1) Públicos prioritários

a) Consumidores de plantas ornamentais.

b) Excursionistas e turistas encantados por natureza, originários da Região Metropolitana de São Paulo.

2) Posicionamento

Plantas ornamentais de Paranapiacaba - bonitas por natureza.

3) Atributos

Viveiro cultivado de maneira cooperada, pelos residentes de uma Vila patrimonial, em um enclave de Mata Atlântica, onde surgem muitas das nascentes mais importantes para a Região Metropolitana de São Paulo e envolta pela saudosa neblina do bioma.

4) Próximos passos sugeridos

- Verificar o interesse dos residentes em Paranapiacaba, sejam eles atualmente empreendedores ou não, em atuarem no cultivo e comercialização de plantas ornamentais.
- Identificar potenciais locais de implantação de um viveiro cooperativo.
- Desenvolver uma pesquisa-ação participativa com os interessados em participar, para identificar as plantas ornamentais de cultivo inicial, em parceria com instituições públicas referenciais na área: na esfera municipal, o Viveiro Municipal de Santo André; na estadual, o Núcleo de Pesquisa em Plantas Ornamentais do Instituto de Botânica, vinculado à Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo; na academia estadual, o Campos Experimental de Registro/UNESP.
- Realização oficinas de compreensão do conceito, da atuação, do conceito e da gestão de cooperativas, em articulação com o SEBRAE.
- Promover encontros e atividades com redes e associações afins (ex. cooperativas de Parelheiros) e visitas a pontos de comercialização (ex. CEAGESP).
- Criar uma marca-território que embute os atributos da Vila de Paranapiacaba às plantas ornamentais do viveiro cooperativo e certifique sua origem, aumentando assim seu valor percebido, em um mercado altamente pulverizado.
- Implementar a rastreabilidade das plantas ornamentais comercializadas, como garantia ao comprador de que as mesmas não foram subtraídas do meio ambiente.
- Desenvolver uma campanha de divulgação da atividade, baseada na narrativa das condições peculiares de seu cultivo e de sua gente.
- Oferecer assessoria técnica para o desenvolvimento de canteiros com espécies nativas (ornamentais e/ou comestíveis) nos jardins/quintais das residências.

5) Aderência aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



EIXO 3 – VILA DE PARANAPIACABA – ESTAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

1) Proposta

Converter a Vila de Paranapiacaba em um laboratório vivo de inovações em bens, serviços e ações voltados à sustentabilidade e à inovação urbana – tanto da iniciativa privada, quanto de políticas públicas.

2) Contextualização

Diante da complexidade e da envergadura dos desafios enfrentados, em escala global e com vista a granjear oportunidades ainda latentes, as empresas vêm investindo crescentemente na lógica de [inovação aberta](#). Embora não raro seja associada a novas formas de relacionamento entre empresas tradicionais e startups, a inovação aberta é mais do que isso; ela remete a um processo aberto de inovação, envolvendo empresas tradicionais e startups, mas também a comunidade que será impactada pela inovação. Essa proposta ganha ainda mais valor quando o consumidor final – em outras palavras, o mercado – participa do processo de inovação, seja na criação ou no aprimoramento da proposta. Dentre outras formas, isso pode se dar transferindo a implementação da solução a ser testada – dos ambientes controlados, para o espaço real de sua aplicação. Advogam por essa proposta empresas dos mais variados setores e origens – destacando-se, no Brasil, de Natura a BMG, de ArcelorMittal a EDP, de BASF a Unilever, de Nestlé a Accenture, para nos atermos a algumas que integram a [lista das maiores investidoras](#) em inovação aberta no país.

A lógica também tem sido adotada por governos municipais de distintos países. Definido como um mecanismo vivo para imaginar, testar e implementar modos de aprimorar a experiência de vida em Dublin, a iniciativa [Dublin City Beta](#) ancora sua lógica justamente na realização de projetos beta, ou seja, piloto, para que os cidadãos opinem acerca de uma solução, antes que a mesma seja implementada em toda a cidade. Para isso definiu um perímetro de testes, vinculados a micro ou macropolíticas, em temáticas prioritárias para o município. Integram esse elenco de resíduos sólidos a ruas amigáveis, de estacionamento de motocicletas a mobiliário ou sinalização urbana.

Com proposta similar e ainda mais ousada, a Paris&Co, agência de inovação de Paris, lançou o [Urban Lab](#). Definido por ela como o maior “playground de inovação ao ar livre do mundo”, a

proposta defende que para gerar propostas concretas a temas prementes no contexto das cidades, como qualidade de vida, preservação de recursos, otimização energética, inclusão, proteção à vida, resiliência etc., é necessário agir mais rapidamente, por meio de um processo de coconstrução entre os atores que compõem o ecossistema urbano. Para tanto, definiu um [bairro de inovação urbana](#), de 8.300 m², no qual são testadas as soluções propostas pelo governo, por empresas, pela academia e por startups, com o mote de constituir um local “de trocas, de demonstração, de inspiração, para ser o farol da inovação urbana.” Por iniciativas deste naipe, enquanto as agências municipais de inovação tendem a ser fortemente dependentes de recursos públicos, a Paris&Co tem [75% de seu orçamento advindo de aportes corporativos](#).

Iniciativas municipais afins dialogam com muita fluidez com os princípios que norteiam duas outras agendas reconhecidas como prioritárias no cenário global. A primeira delas é a [Agenda 2030 da ONU](#). Aprovada entre os 193 países signatários da ONU, em sua Assembleia de 2015, é composta por uma Declaração, um quadro de resultados - os 17 ODS e suas 169 metas -, uma seção sobre meios de implementação e de parcerias globais, bem como por um roteiro para monitoramento dos objetivos, tendo por prazo de consecução o ano de 2030. Há também um [roteiro de apoio](#) à adoção de estratégias de incorporação dos ODS nas políticas públicas municipais ou regionais. Consonante a esse entendimento, em 2019 o Governo do Paraná anunciou o desenvolvimento de um sistema de *business intelligence* para acelerar a adesão de municípios, empresas e entidades não governamentais aos ODS, no entendimento de que [“os ODS só serão alcançados pelo Estado se forem alcançados pelos municípios”](#).



investimentos utilizados em todo o mundo, onde o A se refere a preservação do Ambiente – proteção dos recursos naturais, redução de emissão de poluentes etc. -, o S de Sustentabilidade

envolve de ações em prol da inclusão produtiva à promoção da diversidade e o G de Governança remete a transparência, relações éticas etc. Em suma, questões vinculadas a investimentos em empresas que atuam de forma responsável, sustentável, ética, com impacto social e lidam com sustentabilidade em suas várias vertentes: títulos verdes, energias limpas etc.

Em relativa dormência durante anos, a proposta recobrou fôlego com o advento da pandemia. Em 2020 atraiu [US\\$38 trilhões, cifra que, projeta-se, chegará a US\\$53 trilhões](#), até 2025. Para a Associação Brasileira de Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA), que encabeça várias iniciativas relacionadas ao tema, desde 2012, [há uma vasta gama de estudos](#) que demonstram haver correlação positiva entre a adoção de fatores ASG e o desempenho financeiro, especialmente no longo prazo.

Questões consideradas em cada fator ASG

Ambiental	Uso de recursos naturais	Emissão de carbono	Eficiência energética	Poluição	Tecnologia limpa
Social	Políticas e relações de trabalho	Política de inclusão e diversidade	Treinamento da força de trabalho	Direitos humanos	Privacidade e segurança de dados
Governança	Independência do conselho	Diversidade na composição do conselho de administração	Remuneração do conselho de administração	Ética	Transparência

Fonte: [ANBIMA](#)

Por fim, o entendimento de que o compromisso com a sustentabilidade vai muito além da busca por benefícios de imagem é corroborado pela criação, em 1997, do [Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável](#) (CEBDS). Com a missão de fortalecer um ambiente no qual empresas sustentáveis sejam mais bem-sucedidas e impulsionem a missão para um país mais próspero, a iniciativa congrega, hoje, empresas cujo faturamento somado ultrapassa 40% do PIB e que respondem por mais de um milhão de empregos diretos. Dentre as câmaras temáticas às quais deu origem, destaquem-se a de água, biodiversidade e biotecnologia e, por fim, a de impacto social.

3) Inovações em sustentabilidade no contexto de Paranapiacaba

A Vila de Paranapiacaba surgiu com o propósito de viabilizar o aproveitamento, pelo Brasil, de dois dos maiores ativos da época – a exportação do café e a imigração de pessoas. Entende-se que esse propósito siga vinculado à Vila, tendo agora por ativo mais transformador o conjunto de inovações urbanas em sustentabilidade *lato sensu* - ambiental, econômica, cultural, social, de infraestrutura. Nesse contexto, o papel da comunidade local na articulação de uma governança compartilhada passa a ser primordial; não mais como executora de ações e sim como validadora e cocriadora, contribuindo assim para o aperfeiçoamento das soluções inovadoras implementadas em fase piloto na Vila de Paranapiacaba.

Entende-se que, com esse arranjo, todos se beneficiariam, em vista dos pontos elencados a seguir.

a – Cidadão

- . Implementação de soluções que respondam a desafios da Vila, conjunturais ou estruturais.
- . Estímulo majorado ao exercício da cidadania ativa.
- . Geração de oportunidade para integrar um novo modelo de governança.
- . Elevação da autoestima.
- . Criação potencial de novas oportunidades de trabalho, demandado para a implementação e/ou o monitoramento e a avaliação das soluções apresentadas.

b – Governo municipal

- . Marca de pioneirismo.
- . Oportunidade para constituir um novo modelo de governança, envolvendo o conjunto dos cidadãos de Paranapiacaba.
- . Geração de um novo patamar de parcerias com a iniciativa privada.
- . Exposição/destaque no Estado de São Paulo e no Brasil.

c - Empresas participantes

- . Recurso a um laboratório de testes na vida real.

- . Incremento dos atributos de cidadania corporativa, conhecimento de marca, inovação e sustentabilidade.
- . Fortalecimento de sua posição em ESG.
- . Avanço no compromisso com os ODS.

Linhas de atuação

No que tange às linhas de atuação, à luz do conteúdo gerado quando da realização das entrevistas em profundidade e dos anseios revelados pelos cidadãos no levantamento de campo, sugere-se que, inicialmente, sejam discutidas entre os vários atores:

- . Mobilidade intermunicipal.
- . Infraestrutura viária.
- . Materiais, técnicas e usos patrimoniais.
- . Conectividade.
- . Aproveitamento e coleta de resíduos.
- . Gestão de águas.
- . Gestão compartilhada.
- . Serviços ambientais.
- . Educação – patrimonial, empreendedora, ambiental.
- . Economia circular.

Em vista dessas propostas, adiantamos a seguir uma primeira lista de empresas potencialmente sintonizadas com essa abordagem.

EMPRESA	ÁREA	EXEMPLOS DE AÇÕES E COMPROMISSOS
BASF	QUÍMICO, FARMACÊUTICA	Conectar para transformar (edital que seleciona projetos sociais e ambientais) Programa Mata Viva Programa de Agricultura de Baixo Carbono Incentivar que 80% dos fornecedores melhorem seu desempenho sustentável
BRIDGESTONE	AUTOMOTIVA	Compromisso de ser uma companhia 100% sustentável, até 2050 Economia Circular (reúso e uso consciente de água, reciclagem)
CONSTRUTORA PATRIANI	CONSTRUÇÃO	Primeira árvore solar fotovoltaica com conceito de conectividade na região Primeiro edifício do Grande ABC a ter a Certificação Internacional AQUA de Sustentabilidade (medidas práticas para a redução do impacto ambiental)
MERCEDES-BENZ	AUTOMOTIVO	Fazenda Urbana (estufa para o cultivo de hortaliças sem agrotóxicos, em São Bernardo do Campo) Projetos de inovação aberta, em parceria com o Polo Tecnológico de Santo André
AMBEV	CONSUMO	Programa Bacias & Florestas Agricultura sustentável CEO Water Mandate (rede global de líderes que buscam soluções eficientes para os problemas de escassez de água e falta de saneamento) Gestão de água
BRASKEM	PETROQUÍMICA	Eficiência energética Redução no consumo de água Logística reversa Uso consciente de produtos Compromisso de se tornar uma empresa carbono-neutra, até 2050 Programa Bairro mais verde
BRADESCO, ITAÚ, SANTANDER	FINANCEIRA	Plano Amazônia
SHOPPING ABC	COMÉRCIO E SERVIÇOS	Horta colaborativa Loja sustentável Feira orgânica
RHODIA/GRUPO SOLVAY	QUÍMICOS	Bio Amni (primeiro fio têxtil de poliamida de fonte parcialmente renovável desenvolvido na América Latina – em Santo André) Compromisso de que metade das fibras têxteis produzidas seja sustentável e/ou biodegradável, até 2024 Ações de economia circular (valorização de recursos de fontes renováveis e consumo consciente)
VIVO	TELECOM	Movimentos sustentáveis para recolher resíduos eletrônicos Uso de energia renovável e ações pelo consumo consciente Sustentabilidade para a cadeia de valor Diversidade e talentos
GRUPO FLEURY	HEALTHCARE	Grupo Fleury junto a populações carentes Participação no Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3

		<p>Programa Diálogos</p> <p>Programa DOM Sociedade</p>
GRUPO O BOTICÁRIO	BEM-ESTAR	<p>Aliança Bioconexão Urbana</p> <p>1º Mapa de Empreendedorismo Sustentável na Mata Atlântica</p> <p>Programa Natureza Empreendedora</p> <p>Rede Oásis (iniciativa que conecta atores estratégicos, de diferentes setores, em prol da conservação da natureza em propriedades particulares)</p>
VOLKSWAGEN	AUTOMOTIVA	<p>Projeto Costurando o Futuro (upcycling)</p> <p>Prêmio Fundação Grupo Volkswagen (projetos de impacto social)</p>
SUZANO	CELULOSE E PAPEL	<p>Parque das Neblinas (reserva ambiental de referência, com inúmeras atividades inovadoras)</p> <p>Primeira companhia das Américas e segunda do mundo a emitir <i>sustainability-linked bonds</i> (títulos associados a programas de restauração ambiental, manejo florestal sustentável, eficiência hídrica etc.)</p> <p>Iniciativa de restauração ambiental em três biomas brasileiros: Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado</p>

4) Resumo

1) Público prioritário

- a) Cidadãos de Paranapiacaba.
- b) Cidadãos de Santo André.
- c) Demais beneficiários das soluções validadas.

2) Posicionamento

Vila de Paranapiacaba, inovadora desde sempre.

3) Atributos

Primeira cidade do Brasil a converter seu conjunto único de singularidades ambientais, culturais e sociais em um laboratório vivo de soluções inovadoras para a sustentabilidade.

4) Próximos passos sugeridos

- Aprofundar a proposta.
- Validar/ajustar a proposta, dentro da Prefeitura e junto aos cidadãos.
- Acessar e formar um pool de parceiros na iniciativa privada.
- Definir coletivamente (governo, empresas, cidadãos de Paranapiacaba) as temáticas inicialmente abordadas.
- Levantar e escalonar as inovações privadas que poderiam ser testadas em Paranapiacaba.
- Realizar benchmark de inovações em políticas públicas atinentes à proposta, esteja em gestação ou teste.
- Definir um processo de comunicação contínuo e, em si, também inovador, do andamento e dos resultados, envolvendo todos os parceiros da iniciativa: comunidade, governo, empresas e instituições.

5) Aderência aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



• O LEVANTAMENTO DE CAMPO

Data:

Dados de todos os domiciliados na casa (estando ou não presentes).

IDADE	GÊNERO (M/F/X)	ESCOLARIDADE	ONDE NASCEU	DESDE QUE ANO MORA NA VILA

Endereço:

- 1) Ocupação?
- 2) Ocupações anteriores (se alguma)?
- 3) Enquadramento atual (formal/autônomo/PJ/aposentado/desempregado)?
- 4) Se trabalhar ou estudar fora da Vila, em que município, como vai até lá e quanto tempo demora (ida e volta)?
- 5) Gostaria de estudar ou trabalhar com algo diferente do que faz? Com o quê?
- 6) O que costuma fazer nas horas vagas?
- 7) Do que gosta/não gosta em Paranapiacaba?
- 8) O turismo na Vila impacta na sua vida? Como?
- 9) Quanto gosta de morar na casa onde mora (de 0 a 10) - por quê?
- 10) Quanto gosta de morar na Vila (de 0 a 10) - por quê?
- 11) O que o Pátio Ferroviário significa, para você?
- 12) O que é Patrimônio Histórico, para você?